



DESCOBRIR O MINHO COM
**MARIA
ONDINA
BRAGA**

**Isabel Cristina Brito Pinto Mateus
José Cândido de Oliveira Martins**

**DESCOBRIR O MINHO COM
MARIA
ONDINA
BRAGA**

ROTEIRO TURÍSTICO CULTURAL

Índice

- 07** **Auto-retrato**
- 12** Apresentação
Escritora Maria Ondina Braga
- 18** **Viagem turístico-cultural e paisagem**
- 23** Descobrir o Minho com Maria Ondina Braga
Braga
- 99** Descobrir o Minho com Maria Ondina Braga
Caminhos do Norte
- 150** Agradecimentos

Comunidade Intermunicipal do Ave
Rua Capitão Alfredo Guimaraes, n.º 1,
4800-019 Guimarães

Comunidade Intermunicipal do Alto Minho
Rua Bernardo Abrunhosa, 105
4900-309 Viana do Castelo

Comunidade Intermunicipal do Cávado
Rua do Carmo, 27 – 33
4730-309 Braga



Busto de Maria Ondina Braga, por Jorge Ulisses.

Auto-retrato

Queimei-me ao sol de Agosto. Sou morena.
Tenho os olhos profundos e leais,
Lábios esmaecidos, voz serena,
Cabelos curtos, fartos, naturais.

Minha alma é feita de sorriso e pena,
Loucuras mansas, doces, outonais...
Sonhos que trago em mim desde pequena,
Saudades que ficaram de meus Pais!...

Adoro o campo, a paz, a singeleza,
O silêncio da noite, o mar que reza
A infantilidade, a comoção!

Gosto de falar só... e às escondidas.
Tenho olheiras escuras, mãos compridas,
E sob o peito, a arder, um coração!

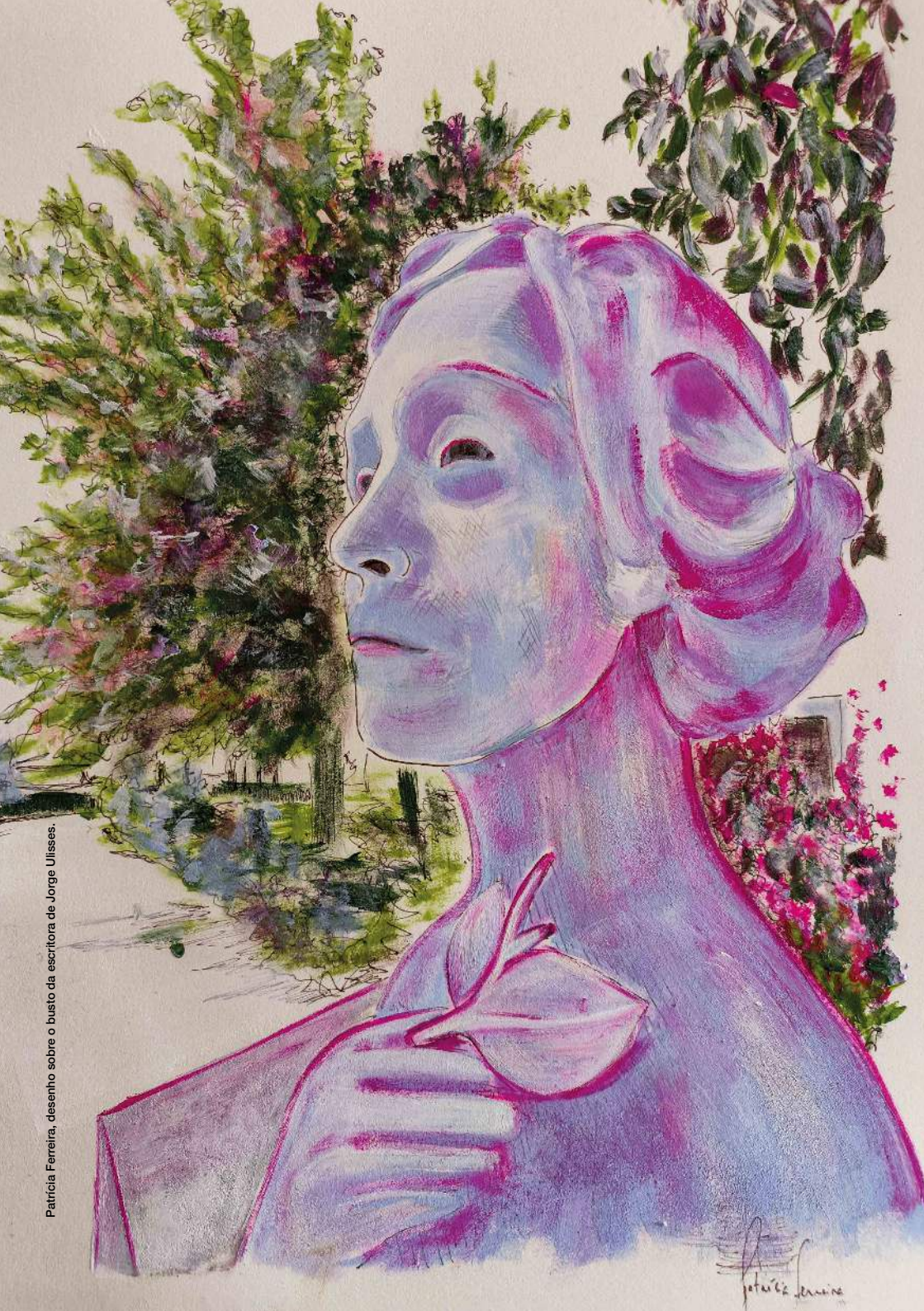
Maria Ondina, in *Almas e Rimas*, 1952.

***“desejo recordar
a minha terra, as
pessoas e os lugares
que amei, outros
passos...”***

Palmilhei capitais europeias. Sonhei nas terras úberes de África os mais puros, os mais ardentes sonhos telúricos. Nasci numa cidade pequena com pedras do tempo dos romanos e Nossas Senhoras de todos os nomes. E não posso esquecer Paris – a beleza, a grandeza, a sedução espiritual de Paris. Tenho de lembrar o perfil dos monumentos de Londres por entre véus de nevoeiro ou o chuvisco gelado. Necessito naturalmente de confrontar Angola com Macau para saber que há vida e saber que há morte. Mas acima de tudo, quero encontrar-me comigo. Acima de tudo, desejo recordar a minha terra, as pessoas e os lugares que amei, outros passos...

Ou me volto para trás (fique embora transformada em estátua de sal) ou me perco neste mundo remoto, como que eterno, de uma raça sem idade.

Estátua de Sal





Maria Ondina Braga, Sintra, 1972.

“Sempre achei valer a pena observar as pessoas...”

Eu vim para ver a terra. Eu toda livre de compromissos, quer apostólicos quer políticos, e assim de qualquer miragem materialista, qualquer fim, qualquer fixação — alguém porventura melhor que eu para afirmar por escrito, e com letras maiúsculas, como vale a pena vir a África para ver a terra?

Passagem do Cabo

Apresentação

1. Escritora Maria Ondina Braga

Nascida em Braga, norte de Portugal, em 13 de Janeiro de 1922, onde viria a falecer em 14 de Março de 2003, Maria Ondina Braga tem um percurso de vida que se confunde com a própria ideia de viagem ou deslocação. É a escritora portuguesa mais cosmopolita do século XX e o seu perfil multicultural, estabelecendo pontes entre continentes, entre o ocidente e o oriente, ganha nos dias de hoje uma notoriedade crescente.

A perda precoce do pai e uma doença neurológica que a obriga a interromper os estudos liceais durante vários anos irão marcar a sua infância e adolescência e determinar a sua vocação de escritora. O desejo de se afirmar como mulher independente e o gosto pela aventura fazem dela a primeira mulher a sair de Braga, sozinha, em pleno Estado Novo, para ir trabalhar em Inglaterra como “au pair”, em 1956. Vive em Worcester, estuda língua inglesa na *Royal Society of Arts*, em Londres, passa longos períodos de férias com a família Chalmers, em Inverness (Escócia). Em 1958, vai para Paris, trabalhando como preceptora e seguindo estudos na *Alliance Française*. Em 1960, é professora de português e inglês em Luanda e, no ano seguinte, em Goa, na missão de Caranzalém. A “Libertação de Goa” pelo exército indiano, em 1961, leva-a até Macau onde leciona língua portuguesa

no Colégio Santa Rosa de Lima. Em 1965, regressa a Portugal, fixa residência em Lisboa, traduz vários autores estrangeiros, escreve para jornais. Voltará algumas vezes ao Oriente, quer a Macau, quer à China. Em 1982 é professora convidada do Instituto de Línguas Estrangeiras de Pequim.



Maria Ondina Braga, Macau, 1962.

Na sua existência nómada confluem diferentes vivências, de emigrante a viajante ou simples turista. Percorreu os quatro continentes, viajou pela Índia, Sri Lanka, Vietname, Singapura. Pelo Egito, Somália francesa e Guiné-Bissau. Pela Espanha, Itália, França e Alemanha. Madeira, Açores, Cabo Verde. Além de atravessar o Atlântico até ao Brasil a bordo de um cruzeiro. Gostava de ilhas ou, como afirmou um dia, de poder “tomar conta de um farol no meio do mar”.

Mais do que os lugares e os tempos, interessam à escritora as histórias e os encontros com as pessoas, os homens e, em especial, as mulheres que encontrou nos portos e nos aeroportos, nos navios, comboios ou aviões, nas ruas e nas estradas, gentes com quem se cruzou nos muitos caminhos do mundo. “Sempre achei valer a pena observar as pessoas, imaginar-lhes vidas, fixá-las na memória, ignorando-as. Sempre achei não valer a pena mais nada”, afirmou em *Estátua de Sal*. E Agustina Bessa-Luís que desde cedo reconheceu o talento da escritora, não deixa de a desafiar: “Tem tantas personagens, tantos lugares a recordar, tantas sombras que se debruçam sobre o seu ombro! Escreva um romance e que seja depressa. Tem que escrever e ser lida!” (Carta de Agustina Bessa-Luís, 7 de maio de 1969).

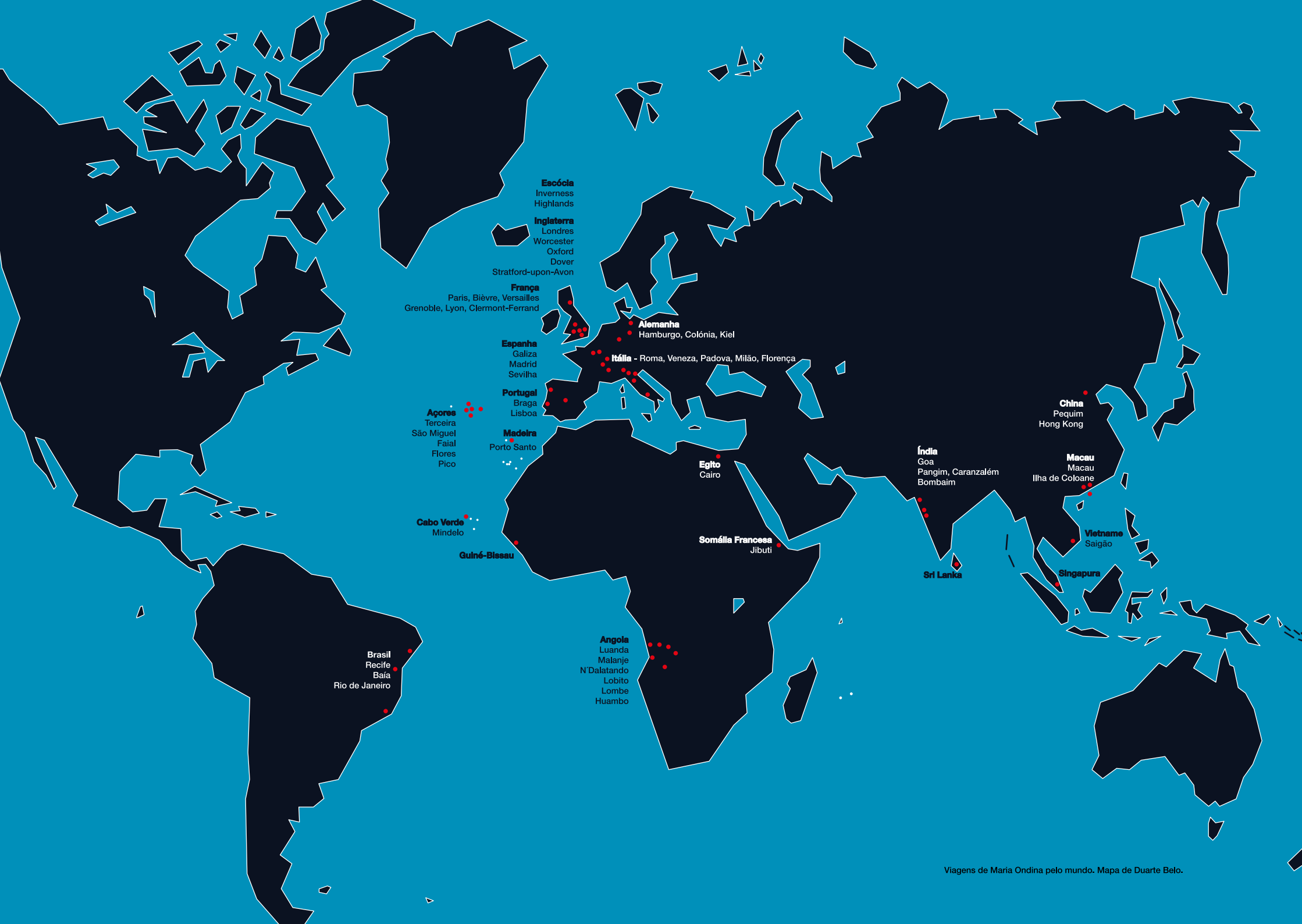
O olhar de Maria Ondina Braga é inquieto, intimista, feminino, atento às histórias de vida e aos segredos, aos gestos e aos ritos, aos conflitos, tensões e dramas interiores, aos interditos sociais e à indizível densidade do silêncio. Desafiando hierarquias e poderes, ideologias ou crenças, estereótipos e tabus, este olhar ganha atualidade no nosso mundo global e convidamos a ver a terra como uma casa comum que habitamos para lá de toda a diferença e da qual temos de aprender a cuidar.

Por tudo isto, vale a pena conhecer a escritora, acompanhar o seu modo particular de observar a paisagem e as gentes, as mulheres e o interior das casas, as ruas, as árvores ou o musgo das pedras. Discreto e atento ao detalhe, a tudo o que é insignificante ou invisível, o olhar de Maria Ondina Braga é mais do que um simples roteiro: é um modo de ler o mundo.

Emigrante, viajante, turista, na sua cartografia afetiva os lugares do Norte viajaram com ela pelas diversas geografias que percorreu. As suas gentes e paisagens, monumentos, memórias e rituais ancestrais, foram sempre para ela bússola e escala do mundo no confronto com o outro e o seu modo plural de habitar a terra.



VIAGEM
TURÍSTICO
CULTURAL E
PAISAGEM



Escócia
Inverness
Highlands

Inglaterra
Londres
Worcester
Oxford
Dover
Stratford-upon-Avon

França
Paris, Bièvre, Versailles
Grenoble, Lyon, Clermont-Ferrand

Alemanha
Hamburgo, Colónia, Kiel

Espanha
Galiza
Madrid
Sevilha

Itália - Roma, Veneza, Padova, Milão, Florença

Portugal
Braga
Lisboa

Açores
Terceira
São Miguel
Faial
Flores
Pico

Madeira
Porto Santo

China
Pequim
Hong Kong

Índia
Goa
Pangim, Caranzalém
Bombaim

Macau
Macau
Ilha de Coloane

Vietname
Saigão

Egito
Cairo

Cabo Verde
Mindelo

Somália Francesa
Jibuti

Sri Lanka

Singapura

Guiné-Bissau

Brasil
Recife
Baía
Rio de Janeiro

Angola
Luanda
Malanje
N'Dalatando
Lobito
Lombe
Huambo

2. Viagem turístico-cultural e paisagem

Nunca como hoje estiveram tão em voga os estudos que articulam Literatura e Paisagem, num horizonte fecundamente interdisciplinar (História, Filosofia, Cultura, Política, Geografia, Estética, etc.). Desde sempre, da narrativa à poesia, a paisagem literária foi um lugar de investimento de sentido por parte dos escritores que recorreram a várias técnicas retórico-compositivas para captar o espírito do lugar, o famoso *genius loci* dos românticos. Por isso, a paisagem nunca é uma simples e estática descrição estácio-temporal ou mero *décor* para fornecer um contexto ou ancoragem da criação literária.

Paisagem é muito mais do que isso – é uma *construção* estético-literária complexa, feita de percepção e de visualidade, de sensibilidade e de pictórico, de geografia (natural e humana) e de visão do mundo. Assim concebida, a paisagem literária mostra-se essencial para desenhar cenários, captar atmosferas, delinear perfis humanos, disseminar inícios, sugerir linhas de interpretação do mundo representado. O ser humano não consegue representar a paisagem de fora, há sempre uma implicação subjetiva, é sempre um sujeito situado.

Neste contexto, tem pleno cabimento a conhecida afirmação romântica de Amiel: “Qualquer paisagem é um estado de alma.”

A paisagem é um tema múltiplo, dotado de grande espessura semântica, pleno de densidade de significados, enquanto forma de *representação* repleta de informação, de valor metafórico e alegórico, de simbolismos vários. Escrever a paisagem equivale a um modo de percepção carregado de sentidos, uma forma de ver o mundo. A literatura sempre se alimentou da paisagem, mais ou menos humanizada.

Sendo a paisagem literária pluralmente concebida, não surpreende a tendência mais ou menos recente que alia a Literatura ao Turismo cultural. Dada a enorme riqueza das obras literárias, repletas de informação sobre as várias dimensões do património cultural, a literatura contém um enorme potencial turístico. Efetivamente, e de várias formas, podemos *viajar com* os escritores e as suas obras literárias, de modo a explorar melhor um determinado território ou cultura, de forma ímpar e muito enriquecedora.



Macau, 1962.

Neste sentido, podemos olhar para os espaços de inspiração de um escritor e para a sua geografia e topografia literárias, como verdadeiros convites à viagem. Deste modo, podendo dar origem a sedutores guias ou roteiros turístico-culturais, as obras literárias constituem um verdadeiro tesouro para mergulharmos esteticamente no território que nos rodeia, para potenciarmos o nosso imaginário turístico, para vivermos e humanizarmos a paisagem.

Sabemos bem como o turismo cultural se afirma atualmente enquanto atividade de enorme potencial económico. Além disso, pode constituir-se como pretexto para políticas integradas de património cultural, ao nível do conhecimento, preservação e promoção. Em síntese, o turismo cultural e literário afirma-se hoje, indiscutivelmente, como a melhor forma de descobrir um território ou um país. Como no presente volume, trata-se de viajar culturalmente através do olhar privilegiado de uma mulher escritora.

Por fim, convém realçar que este roteiro turístico-literário é bastante singular, porque tecido através dos olhares de uma escritora. Antes de iniciarmos a viagem à descoberta de parte do Norte de Portugal, através do olhar da escritora Maria Ondina Braga, é oportuno sublinhar uma constatação óbvia e perfeitamente compreensível: nascida em Braga, esta autora não apresenta, proporcionalmente, um número equilibrado de referências aos vários concelhos do Minho e do Alto Minho. Tudo isto tem a ver com as viagens feitas e memórias familiares, com relações de afetividade que estabeleceu com algumas pessoas ou lugares, com refúgios de tranquilidade que aqui encontrou. Por vezes, embora sem os referir abertamente, alguns dos espaços nortenhos serviram-lhe de cenário ficcional reconhecível para o enquadramento de personagens de contos ou novelas que nos deixou.

Como é natural, há mais descrições e menções de uns espaços do que de outros, fator explicável pelas naturais afinidades com a sua cidade natal, mas também pela atração que determinadas paisagens causavam na escritora, nomeadamente os espaços de ligação da terra e do mar. Por outras palavras, o facto de alguns territórios do Norte suscitarem menos referências a Maria Ondina Braga não significa menos apreço da parte da autora. Em função de diversas circunstâncias, por alguns lugares terá viajado menos; e nem sempre escreveu sobre todos os lugares que visitou. Mas todos eles fazem parte da sua paisagem afetiva.



Braga, a crença é que a faz conforme, ainda que controversa. Eu quase apostava que podem lá os homens rezar e pecar a um tempo que tudo lhes será perdoado. Nem que não rezem. Em Braga a redenção reside no rosto grave e contudo sereno que é o dela, e no seu segredo do sobrenatural. Mais: no mistério da sua fundação. Pois nem romanos, nem suevos, nem godos, mal-grado a História. Nenhum feito humano. De Braga a origem assemelha-se à de Sião, ou seja, Jerusalém, cidade incriada, obra do Omnipotente. Pois enquanto outras cidades com registos de batalhas e cercos de bárbaros, ali os bárbaros acabando bispos, quando não bem-aventurados. Um símbolo como Sião, na Bíblia, Braga. Um Lugar alto. O seu signo o da Serpente: não a venenosa que enganou Eva mas a da Árvore da Sabedoria e a da Árvore da Cruz. Enfim, uma Esfinge, Braga, e tal como todas as Esfinges, o espírito sobre a pedra. Algum privilégio? Alguma predestinação?

"Sete Palavras" (A Filha do Juramento).



DESCOBRIR O MINHO COM
MARIA ONDINA BRAGA
BRAGA



Avenida Central

Maria Ondina Braga nasceu a 13 de Janeiro de 1922 no **número 9 da Avenida Central**, em Braga, uma construção de finais do século XIX que conserva ainda hoje o traçado original e em cuja fachada principal se pode ver a inscrição em letras ocre “Móveis Soares Barbosa” e o nome: “Luiz Soares Barbosa”. Tio de Maria Ondina, aprendera em Paris com os mestres da *Art Déco* e foi o fundador, em 1890, da prestigiada fábrica de móveis em madeiras exóticas que funcionou no terreno anexo da casa, além de uma loja de móveis no rés-do-chão do edifício, encerrada em 2012. É com esse tio que os pais de Maria Ondina irão viver na casa grande da Avenida, onde nascem a escritora e os irmãos. Será ainda o tio Luiz quem, depois da morte do pai, em 1933, se encarrega da educação da jovem Ondina.

Das janelas e da varanda da casa grande, Maria Ondina avista o movimento da avenida, o **coreto** e as noites de música, as **tílias centenárias da Avenida** e o recolher dos pássaros, ao anoitecer.





A casa, contudo, lá continua, no centro da cidade, séria, segura, e, como antigamente, a rescender à seiva das madeiras. Madeiras nacionais, a nogueira, o carvalho, o castanho, o seu sangue rosado, pálido, cinzento. Preciosos, pau-santo, o pau-cetim, o vinhático, o mogno de Cuba, buxo para os embutidos. No inverno alimentava-se a salamandra com essa cheirosa serradura que, de inflamada, se virava fantástica. Com isso se enchiam também as cobras de cotim contra o frio pelas fendas das janelas e das portas. E as jarras a equilibrar-se nas étagères.

Está lá a casa e estão as tílias da Avenida: duas qualidades: as frondosas, de folhas e forma de coração, e as glaucas, graciosas. Eu, portanto, em Braga, a encontrar-me pelos cantos da casa e à sombra das tílias. Tal qual outros locais onde me demorei, se formos a ver. Só que, em vez de casa, um escasso quarto: o espaço onde lia, escrevia, estudava, bebericava chá. Sítio, de qualquer maneira, para rir comigo mesma. Que quem diz rir pode dizer chorar. **(Vidas Vencidas)**

Ou não fossem as vistas das nossas janelas as centenárias tílias, a sua fragrância, o frufu das folhas prateadas, o gorjeio dos pássaros ao anoitecer. **(Vidas Vencidas)**

Eu a pensar que outras festas de S. João haviam de vir. Noites como aquela de música no coreto, cantigas, danças, ervas de cheiro, orvalhadas (...). A pensar que com ou sem festas (o mesmo quer dizer: com ou sem mãe), por mim, jamais deixaria de ler histórias ou inventá-las para quem quer que fosse. A menos que para a minha própria sombra. **(Vidas Vencidas)**

Das janelas, em frente da casa, avista também as torres da **Igreja (e Convento) dos Congregados** cujo sino marca o ritual familiar dos dias. Mandado construir pela Congregação dos Padres Oratorianos de Filipe de Nery, em 1687, o edifício, ostenta na fachada da igreja e no retábulo de Nossa Senhora das Dores, entre outros elementos decorativos, a assinatura de André Soares. Escondido do olhar público, o primeiro andar guarda um segredo: a pequena Capela dos Monges, considerada hoje uma das obras-primas do célebre arquiteto do barroco português. O toque do sino dos Congregados vibrará para sempre na memória de Maria Ondina: anunciando à meia noite, ansioso, o fogo de artifício e o início das festas de São João na cidade ou dobrando, choroso, no dia da morte do pai da menina que há de vir a ser escritora.

Mais do que um elemento arquitetónico, a janela da casa familiar é para Maria Ondina um elemento simbólico, moldura física, porosa, do olhar que se desloca entre o interior e o exterior e vai para lá de qualquer fronteira. Não admira, por isso, que a janela e o sino dos Congregados sejam testemunhas do seu nascimento como escritora naquele preciso dia em que a criança perde o pai. Dia triste em que Maria Ondina segura na mão, como se fosse o seu próprio cordão umbilical, seca e enrolada, a rosa-de-jericó que se recusara a florir no dia em que viera ao mundo.

A rosa-de-jericó, havia de a ter na mão, seca e enrolada como um cordel na gaveta da velha cómoda, e havia de cuidar que era o cordão umbilical. Um dia, pelos meus dez anos. A família inteira, nesse dia, lá na sala, à roda da urna funerária de meu pai. Murcha, mirrada, a cheirar a bafio e às praias dos Mares do Sul, a rosa-de-jericó, e eu ali a segurá-la, aflita, a sofrer o fôlego. Dão... ão...ãõ... O sino dos Congregados a dobrar a defunto.

(...)

*Nesse instante, porém, na palma da minha mão, o que eu presumia ser o laço que me vinculava ao ventre materno e portanto à vida (a morte lá em baixo um sórno e um susto), nesse instante acho que dei graças pelo sangue que me latejava. Isto dez anos depois e frente ao falecimento do meu progenitor. Alguma psicose primitiva? Ou, quem sabe, mero mecanismo da compensação? (**Vidas Vencidas**)*

Da varanda da casa grande da Avenida, Maria Ondina pode ver também o conjunto arquitetónico da **Arcada**, no topo da Praça da República, mandado construir pelo arcebispo D. Rodrigo de Moura Teles aí pontuam, além da Igreja da Lapa, do século XVIII, os centenários Cafés Astoria e Vianna, este último fundado em 1858, onde Camilo Castelo Branco gostava de saborear um bom café forte. E ao fundo da Avenida da Liberdade, lá no alto, o Monte Picoto, envolto num halo de lenda, de mistério e de crime que acorda a imaginação da criança e o desejo precoce da escrita.

No interior da casa, o teto de gesso da sala, com os quatro continentes representados por figuras femininas em cada um dos cantos, é o mapa do mundo que a escritora irá percorrer, o território desconhecido por onde vagueia o olhar da menina, distraído das rezas familiares e dos preconceitos da pequena cidade onde nasceu. Mas é sob a luz coada da claraboia, na base da ampla escadaria de madeira

que liga ao piso superior, que Ondina encontra o seu refúgio de leitura. O seu lugar na casa.

Nessas tardes o seu refúgio era nem mais nem menos que no sopé das escadas, debaixo da claraboia, pernas cruzadas, um livro no regaço.

(Uma descoberta e um descanso)

Em frente da casa, entre a movimentada Praça da República e o Jardim da Avenida Central, o município ergueu, em 2013, o **busto da escritora** da autoria do escultor Jorge Ulisses. Uma peça escultórica sóbria, sem datas, onde constam apenas a assinatura da escritora e uma frase que de algum modo a define: “Eu sou uma mulher que escolheu a solidão”.

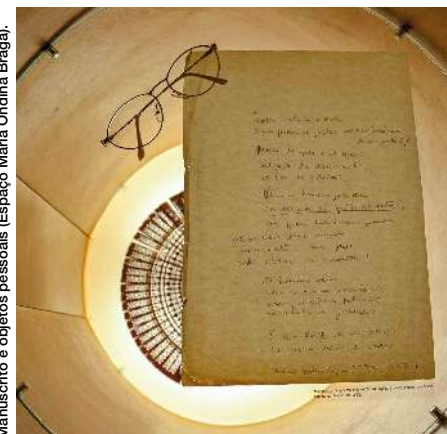


O busto da escritora.

“...reveladora de uma requintada sensibilidade feminina...”

Muito próxima da casa da Avenida, pouco metros ao lado, a antiga residência do comendador Nogueira da Silva, hoje musealizada e propriedade da Universidade do Minho, oferece ao visitante uma importante coleção que vai do mobiliário, ourivesaria, tapeçaria, pintura, escultura aos vidros e porcelanas. O jardim interior do **Museu Nogueira da Silva**, verdadeiro oásis de silêncio no centro da cidade, acolhe atualmente o **Espaço Maria Ondina Braga** e a cafetaria Jardim do Chá, inspirada nas viagens e no culto da escritora por esta bebida. O seu espólio, doado pela família ao Museu, encontra-se hoje no Espaço Maria Ondina Braga, onde podem ser vistos igualmente vários objetos pessoais da autora, para além de fotografias, cartas, manuscritos e edições dos seus livros.

Li [Eu Vim para Ver a Terra] com enorme agrado e um interesse sempre crescente, tendo apreciado sobretudo a forma muito própria, reveladora de uma requintada sensibilidade feminina, como exprime o seu entusiasmo pela exuberante terra africana, o emocionante sentimentalismo do êxodo goês e a sua compreensiva penetração no espírito oriental (Carta do Comendador Nogueira da Silva, Braga, 1.5.66)



Manuscrito e objetos pessoais (Espaço Maria Ondina Braga).



Espaço Maria Ondina Braga.

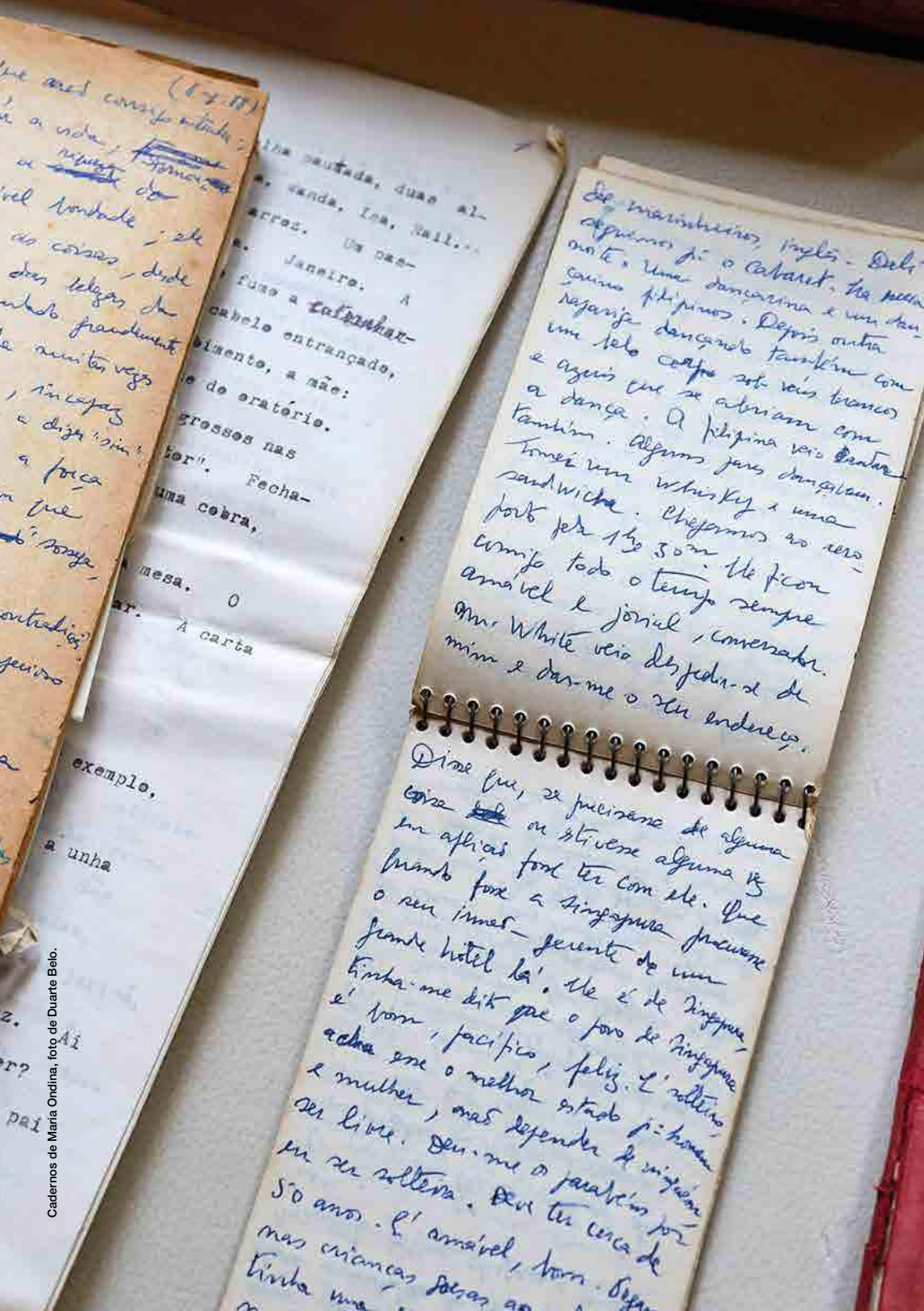
“...onde eram encerradas as mulheres que mereciam *castigo*”.

Continuando a caminhar pela rua em direção ao Largo Senhora-a-Branca, encontra-se o edifício do Recolhimento de Santa Maria Madalena, mais conhecido por **Recolhimento das Convertidas**. Mandado construir pelo Arcebispo D. Rodrigo de Moura Teles, foi inaugurado em 1722 para “instalar mulheres pecadoras convertidas a Deus”, estando hoje ameaçado de ruína. Recolhimento, oração e trabalho, marcavam o compasso dos dias destas mulheres. A troca de um prato de comida e de reabilitação social, as mulheres viam-se confinadas ao mutismo, à exiguidade de um quarto onde mal cabe uma cama e à clausura, impedidas de qualquer contato com o exterior ou com o público. Como o demonstra a grade de ferro que separa os fiéis na igreja, aberta ao culto geral, das mulheres “convertidas” que assistiam à missa: tão apertada a malha ou treliça de ferro que nem um dedo conseguiria passar e tocar o outro lado. Quem ainda hoje visitar o Recolhimento das Convertidas ficará impressionado, entre outras coisas, com as sete chaves da porta interior do edifício ou com o “Tronco”, cubículo em pedra, frio e sem luz, onde eram encerradas as mulheres que mereciam “castigo”.

Tendo encerrado portas em 1998, o Recolhimento das Convertidas, a dois passos da casa onde nasceu Maria Ondina, e o destino de solidão e de exílio destas mulheres marcarão a escritora para sempre. A sua escrita procurou, por diversas formas, dar corpo e voz a este e a outros silêncios, às "histórias, sempre histórias do infortúnio das mulheres" nas diversas geografias do mundo por onde andou. Essa memória (bem como a do Colégio da Regeneração, na Rua de São Geraldo) ecoa nos corredores do Colégio de Santa Rosa de Lima, em Macau, perpassa o romance *Noturno em Macau*, adquire nitidez, torna-se presente nos segredos, silêncios e interditos das confidências noturnas de um de contos como "Casa de Regeneração" de *Amor e Morte* ou de "O Recolhimento" de *Os Rostos de Jano*:

A Mil-Homens? Que ferrete a apartava das demais? A alcunha? D. Felícia, mestra-régia reformada, pousava os olhos no chão ao passar por ela. E havia quem na capela mudasse de sítio para não se ajoelhar ao seu lado. Mil-Homens. Libertinagem? Prostituição? Maria dos Anjos, porém, sentia por essa mulher não só curiosidade mas até simpatia. (...) Mulheres coisas, utilidades ou entretenimentos. (Não teria a Mil-Homens pertencido às últimas?) Mulheres para quem casar significava "levar a Cruz ao Calvário" e ficar solteira "ser honesta". O orfanato, que quase só abrigava filhas naturais, devia a sua existência à desonestidade das mulheres. Os homens não tinham nada com aquilo. Se um ou outro, magnanimamente, contribuía com dinheiro, dotes, bolsas de estudo, o seu nome ia para a lista dos benfeitores e o seu retrato para o salão de honra. (*Rostos de Jano*)

Ao terminar a Avenida, a delimitar o antigo Campo de Sant'Ana, surge a pequena **Igreja da Senhora-a-Branca**. Construída sobre o que se pensa ser uma antiga capela votada ao culto mariano do século XIV. O edifício sofreu alterações ao longo do tempo, nos séculos XVI e XVIII, tendo o Sacrário do Altar da Tribuna sido desenhado por André Soares, em 1751. Originalmente chamada de Igreja de Nossa Senhora das Neves, graças a uma imagem de Nossa Senhora vestida de branco, datada de 1771, no nicho central da Igreja, o povo passou a chamar-lhe Senhora-a-Branca, tornando-se esta a designação da Igreja e do Largo onde se situa. Merece destaque, o órgão ibérico de tubos, construído pelo organeiro José António de Sousa, em 1774. Testemunha de mudanças, de conflitos e de crises ao longo dos



Cadernos de Maria Ondina, foto de Duarte Belo.

séculos, a igreja evoca a Maria Ondina a memória familiar dos tempos conturbados do fim da monarquia, a oposição entre monárquicos e republicanos que levariam Afonso Costa ao poder, as marcas das balas visíveis nos azulejos da Igreja:

*O vizinho barbeiro e sapateiros e donos de talhos com os seus magarefes e cortadores de carne, todos ali prontos a dar até a vida por el-rei nosso senhor. Isto à conta do anticlericalismo republicano que desagradava aos devotos minhotos? Uma tristeza as igrejas fechadas – a da Senhora-a-Branca os azulejos da frontaria furados das balas –, os sinos mudos nos campanários, e casamentos no civil, e funerais sem padre. Era o Afonso Costa! Era a maçonaria! À conta da irreligiosidade, esses populares? Ou apenas pelo privilégio de emparceirarem com a nobreza, terem acesso aos seus solares, serem aceites nos seus salões? **(Vidas Vencidas)***

Invertendo o sentido da marcha e retomando a Avenida Central no sentido da Arcada, do lado esquerdo, situa-se o **Colégio D. Pedro V** onde a escritora frequentou o ensino pré-escolar e a escola primária. Construído em 1652 para recolhimento de donzelas e viúvas que deveriam seguir a regra de São Francisco, o edifício foi ampliado em 1720 e convertido em Convento da Penha de França, durante o arcebispado de D. Rodrigo de Moura Teles. Em 1879, depois da extinção das ordens religiosas, as instalações do convento foram cedidas ao Asylo da Infância Desvalida D. Pedro V e posteriormente demolidas para surgir o atual edifício. O Colégio, hoje a funcionar como instituição de ensino particular, abriga os claustros do antigo convento, o jardim e o fontanário, ao centro, bem como a Igreja de N^a Senhora da Penha de França, um dos símbolos da arte barroca bracarense. Desde 2017, o colégio acolhe igualmente uma biblioteca com o nome de Maria Ondina Braga.



Dos anos passados no Colégio, a escritora recorda um tempo feliz de cantigas e de jogos infantis. De curiosidade e cumplicidade. De aprendizagens várias:

Escolas sempre foram para mim lugares onde nunca me senti muito à vontade. (...)

Não obstante, com menos de quatro anos de idade estava num coleginho na Avenida ao pé de casa. Na infantil, naturalmente. Meninas e meninos de bibe de riscado que uma mocita chamada Olinda entretinha no quintal com rodas as mãos dadas, o esconde-esconde, o dom barqueiro. E, se chovia, no pátio de pedra, a passar o anelzinho ou às cinco saquinhas cheias de areia, cheias de arroz. Nisto, uma campainhada. E a Olinda, que era também porteira, a largar tudo e a saltar que nem um gato, quase nos derrubando, a Olinda. Segundo a nossa criada – uma língua comprida, a Elisa – a rapariga queria era ir abrir a grade para deitar uns olhinhos ao conversado.

*(...) As meninas internas, filhas de pais em África, ou mesmo mais perto mas fora de Braga – filhas naturais?-, ninguém nunca as visitava, essas moças, pelo que as professoras eram a sua paixão. (...) Quando, mais tarde, nós subíamos em fila com a Olinda, para irmos ao quartinho, víamo-las na sala de desenho. Que, nesse colégio, as portas com uma fenda ao lado da fechadura; porque fora outrora ali um convento? uma cadeia? Segue-se que as maiorzinhas ajudavam as mais pequenas e todas espreitávamos pela fresta” **(Vidas Vencidas)***

“...que viviam anjos por trás das janelas sempre fechadas...”

Casa dos Anjos.



Continuando pela Avenida Central em direção à Arcada, encontramos a **Casa Rolão**, um belíssimo exemplar rococó de arquitetura civil, projeto do arquiteto André Soares, no qual se destaca a profusão decorativa dos vãos da fachada principal. Construída entre 1759 e 1765, a casa pertenceu à família Rolão que fizera fortuna no fabrico e comércio de sedas, sendo ainda visíveis nas paredes interiores pinturas com motivos florais, paisagens e monumentos portugueses. Maria Ondina não a refere explicitamente, talvez por se tratar de uma casa particular a cujo interior não terá tido, porventura, acesso. Mas não há dúvida que a escritora passou por ela inúmeras vezes nos seus trajetos diários, como certamente terá conhecido a livraria Centésima Página que abriu portas ao público na Praça da Faculdade de Filosofia, em 1999, e constitui hoje, com a casa Rolão onde veio posteriormente a instalar-se, um dos espaços de memória da cidade.

Um pouco mais à frente, depois de passar a Igreja dos Congregados, há um prédio de três andares de azulejos azul claro que merece atenção. Trata-se da misteriosa “**casa dos anjos**” que Maria Ondina entrevê, como pousada sobre a copa das tílias, a partir da janela da casa grande da Avenida. A “**casa dos anjos**” é, assim, um dos lugares imaginários da escritora

Nesse tempo eu acreditava que viviam anjos por trás das janelas sempre fechadas de uma casa fronteira à nossa.

Era um prédio de azulejos azuis, um tanto de esquelha, com três andares. As tílias da Avenida só me deixavam ver o último. Aquelas janelas nunca se abriam. Acho que morava lá uma velha dama cujas pernas não lhe permitiam subir tão alto. Mas isso soube-o depois. Havia cassa branca nos vidros. O peitoril e os caixilhos, também brancos. O jeito enviesado da frontaria, como de quem se queria esconder, e o mistério de um recolhimento assim ajudavam-me a fantasia. E cheguei mesmo a vislumbrar, por noites de lua, níveas asas adejando através da cassa.

Nesse tempo, entretinha-me eu, horas sem conta, a perscrutar tais janelas. Idealizava tudo fofo lá dentro, tudo vago, tudo leve. Se chovia, testa colada à vidraça, entevia os olhos tristes dos anjos espiando, como eu, entre as grades de cristal que iam das nuvens ao chão. E quando uma vez nevuou — raridade na terra — imediatamente relacionei a brancura dos flocos, penas no ar, com a casa de ladrilho azul e os anjos que lá moravam.

(Estátua de Sal)

Dois prédios a seguir à “casa dos anjos”, a **retrosaria Pereira das Violas**, fundada em 1918, traz à memória de Maria Ondina os difíceis tempos de guerra, a escassez de alguns produtos e a inflação a dificultar o dia a dia das pessoas:

*Também faltava a gasolina, e os comboios meio às escuras. Além dos armazéns faltos de fazenda e, ao contrário, os de sobreaviso. Em apuros, dizia-se, as costureiras e bordadeiras para encontrarem linhas e agulhas apropriadas ao seu ofício. E assim fitas de seda e de veludo, botões de osso e madrepérola, rendas e retroses, vivos e vidrilhos. O que somente na Casa Pereira das Violas a elevado preço. “Paga-se só para lá entrar”, queixavam-se as irmãs da Regeneração a quem as noivas da burguesia encomendavam os enxovais” **(Vidas Vencidas)***

Da cartografia urbana de Maria Ondina fazem parte as praças, os largos e as igrejas, os jardins e as árvores, as fontes, os sinos, o perfume das tílias ou das madressilvas, as lojas, os cafés, pontuam aqui ou ali a sua escrita, por vezes aparecendo sob a forma de imagens ou evocadas à distância, a partir de outras geografias, de aromas que perduram no tempo ou de sons como o dos elétricos a passar junto à Arcada, hoje desaparecidos do quotidiano da cidade. A escritora gosta de se perder nas ruas e avenidas, de saborear, a cada regresso, a deliciosa sensação de anonimato e de estar em casa:

E teimo na minha terra: as ruas de Braga, cada esquina, cada pedra, quase. Um a um, vou transpondo os passeios estreitos das ruas velhas, tortas, a brancura das avenidas, as lojas, as igrejas, os largos. Ando por lá peregrinando. É noitinha, e os sinos a Trindades –tantos sinos, meu Deus! Os pardais esvoaçam, murmurantes, nas tílias do jardim. Ando por lá e ninguém dá conta. Que coisa boa! Escusado falar, dizer que estou bem, ficar obrigada.

*De repente, um vibrar de campainha. Já estou na Arcada. Uma música familiar, impertinente. É o elétrico. Como eu ia distraída a atravessar! Fazem-me saudades esses tinidos. Tão bom o elétrico a desengonçar-se até ao Bom Jesus. Os chalés brasileiros com estátuas de louça. O perfume da madressilva pela Primavera. **(Estátua de Sal)***

Seguindo da Arcada, na direção do Largo do Barão de São Martinho, destaca-se o centenário **café A Brasileira**, um dos espaços emblemáticos do quotidiano da cidade, restaurado em 2009. Lugar de memórias e de afetos, testemunha de conversas e de encontros, de tertúlias e debates culturais, reuniões políticas, aromatizadas pelo característico café de saco, o café manteve até hoje a traça e o mobiliário da época em que abriu portas, em 1907. Durante o Estado Novo, *A Brasileira* foi o ponto de encontro dos opositores ao regime, enquanto os apoiantes de Salazar se reuniam no café em frente, surgido em 1930, no gaveto oposto da Rua de São Marcos: *A Brasileira Nova*. Maria Ondina evoca esse tempo de confronto, marcado pelo pulsar dos dois cafés no coração da cidade:



café A Brasileira.

Entretanto, no coração da cidade, dois cafés frente a frente, um representando os Aliados, o outro o Eixo, e odiando-se mutuamente. Enfim, uma forma diferente de os bracarenses se entreterem ao serão. Na Brasileira Nova, germanófilos com o retrato de Hitler. Na Brasileira Velha, Churchill e de Gaulle. E caso os ânimos aquecessem, aos sábados, acordando, altas horas, a urbe adormecida, era o pomposo passo do cavalo do fidalgo dos Biscainhos a pôr cobro à discórdia. A minha principal recordação, todavia, o tio Luiz, que não frequentava nenhuma das Brasileiras, a sua mágoa quando as tropas alemãs ocuparam a capital francesa.

“... conhecida por Casa das Gelasias, uma das imagens icónicas da cidade.”

Talvez o passado de resistência e cumplicidade democrática tenha assegurado a longevidade do café *A Brasileira*; todavia, *A Brasileira Nova* (como se pode ler ainda hoje na fachada principal do edifício) não sobreviveria aos desafios democráticos e às mudanças trazidas pela contemporaneidade.

Saindo do café *A Brasileira* pela Rua de São Marcos, quase em frente, é obrigatório observar a fachada de uma das casas mais antigas da cidade, exemplar único de arquitetura civil muito comum no centro de Braga no século XVII: a **Casa dos Crivos**, também conhecida por Casa das Gelasias, uma das imagens icónicas da cidade. Constituída por um conjunto de dois edifícios, deve o seu nome ao facto de ter as fachadas totalmente cobertas por gelosias, isto é, por treliças de madeira formando uma espécie de gaiola que permite observar sem ser observado por quem está no exterior. De origem árabe, as gelosias tornaram-se populares na arquitetura da Península Ibérica, protegendo da intensidade do sol e possibilitando a ventilação, ao mesmo tempo que preservavam as mulheres árabes do contato visual com outros homens. Não será por acaso que a palavra ciúme em francês (“*jalousie*”) ou em



“Garridas, de persianas verdes, nos chalés brasileiros. De crivos, na casa mais antiga da cidade.”



Casa dos Crivos.

inglês (“jealousy”) tem esta origem. As gelosias da Casa dos Crivos são, neste caso particular, testemunho de religiosidade conservadora de Braga, porventura inspiradas igualmente no gradeamento das muitas edificações conventuais e religiosas existentes na cidade ou nas rendas de “crivos” que tornaram famosas tantas destas instituições. Talvez as gelosias da Casa dos Crivos tenham inspirado a treliça de ferro da igreja do Recolhimento das Convertidas: em qualquer dos casos, é o silêncio e o segredo do olhar que se adivinha para lá das janelas ou das grades que atrai o olhar de Maria Ondina.

Na infância eram pesadas, de guilhotina. Perigosas, se se descuidavam os cravelhos, podiam degolar. (...)

Janelas francesas – abriam-se como livros. De grades, nos conventos e na cadeia. A janela manuelina da Casa dos Coimbras, onde os turistas paravam a tirar retratos. Fechadas, de casas onde tinha morrido gente. Vidros apedrejados, partidos, de casarões assombrados. Janelas severas, de portas de madeira, que gemiam nos gonzos. Garridas, de persianas verdes, nos chalés brasileiros. De crivos, na casa mais antiga da cidade.

(A Revolta das Palavras)



Chafariz dos Castelos (Largo do Paço).

Voltando à movimentada Rua do Souto, uma das principais artérias comerciais da cidade, o visitante encontra à sua direita o **Largo do Paço**, confinando com esta rua pelo lado sul. Trata-se de um conjunto de edifícios construídos em épocas distintas, tendo servido no passado de residência arquiépiscopal, origem do nome do Largo. Apresenta um corpo medieval (com destaque para o magnífico salão com tetos de alfarje e traves decoradas com elementos vegetalistas, além da torre e dos arcos de um antigo claustro que enquadram cenograficamente o Jardim de Santa Bárbara), um corpo quinhentista e um corpo barroco. A sua configuração atual deve-se às obras de ampliação mandadas efetuar por D. Rodrigo de Moura Teles, no século XVIII, ganhando em monumentalidade com o seu sucessor D. José de Bragança. O corpo barroco voltado para a Praça do Município, da autoria de André Soares, foi devastado por um grande incêndio em 1866 e integralmente reconstruído nos anos 30 do século XX. Hoje na posse da Universidade do Minho, o edifício do Largo do Paço acolhe o Salão Nobre, a Biblioteca Pública de Braga e o Arquivo Municipal, estando em curso a sua musealização. A sobriedade do edifício com fachadas em cantaria de granito, a discrição das varandas de ferro abertas sobre a praça e sobre a principal rua comercial da cidade, cativam o olhar de Maria Ondina. Em especial, o imponente **Chafariz dos Castelos** mandado construir pelo Arcebispo D. Rodrigo de Moura Teles, em 1723, com os seus “castelos de água, limos e granito”, encimado por uma figura feminina representando a cidade.

Ambos são memória de interiores ocultos e de vozes antigas e anónimas, de histórias de gentes reunidas à volta do fontanário, de um tempo escrito em páginas de pedra por onde escorre, em linhas de água e de limos, a vida dos homens e das mulheres. A escritora confessa que há de levar a imagem daquele fontanário gravada nos olhos e no coração quando abandonar esta vida:

Também o Largo do Paço: castelos de água, limos e granito. Hei de lembrar esse fontanário na outra vida, e assim as varandas discretas, sóbrias. (Estátua de Sal)



Biblioteca Pública de Braga. Sala de Leitura.

Do lado da Praça do Município, o edifício barroco, onde funciona atualmente a **Biblioteca Pública de Braga**, esconde no seu interior um dos tesouros mais valiosos da cidade de Braga. Trata-se da majestosa biblioteca setecentista cuja beleza lembra, ainda que em menor escala, a biblioteca do Convento de Mafra. Quer os vários salões da biblioteca, estantes e balaustradas, quer o precioso acervo documental, justificam não apenas a visita mas um olhar demorado. A escritora deixará um testemunho de afeto relativamente à Biblioteca Pública de Braga, em especial à **sala de leitura**, seu lugar secreto desde os treze anos de idade. Um espaço de recolhimento que o imponente teto de madeira de castanho, além da fonte e do silêncio do pátio exterior proporcionam.

Assim foi que, aí pelo terceiro ou quarto ano, o professor de Português aconselhou as alunas a irem à Biblioteca Pública ler Gil Vicente. (...)

Foi, pois, o Auto da Alma que me levou pela primeira vez à Biblioteca Pública de Braga. Uma aventura, e a confirmação de um vício que me estava no sangue e não tinha perdão. Com os meus treze anos entrei ali, espontaneamente, de cabeça levantada. Lá dentro, o silêncio, a reverência, e um odor a papel velho e a cânfora: um odor ao mesmo tempo erudito e vegetal. (...)

Daí para o futuro: Onde estiveste? Estive na Biblioteca. Podia finalmente frequentar essa instituição como frequentava o liceu e a igreja. Uma descoberta, para mim, a biblioteca, uma descoberta e um descanso. (...)
*Eu, contudo, não mais desterrada no pátio fundo, um livro a furto nos joelhos. A descer a Rua do Souto, eu, a subir os degraus da Biblioteca Pública. Preenchia uma ficha, apresentava o bilhete de identidade. Aquele rigor. Aquele respeito. Eu, até então, clandestina. A minha carta de alforria. A minha remissão. ("**Uma descoberta e um descanso**")*



Biblioteca Pública de Braga



“Um dos mais importantes e antigos templos do românico do país...”

Continuando a descer a Rua do Souto, do lado esquerdo, deparamos com uma das entradas laterais da **Sé de Braga**, lugar de afeto da escritora. Um dos mais importantes e antigos templos do românico do país, construído sobre as fundações de um antigo mercado ou de um templo romano votado a Ísis, a sua (re)construção parece datar do século XI, tendo sofrido sucessivas alterações e acrescentos ao longo dos séculos. Do lado esquerdo, a Capela de São Geraldo, primeiro arcebispo e padroeiro da cidade, cujo túmulo aqui se encontra, merece uma visita. Datada do séc. XII, ostenta um belíssimo teto medieval de traves pintadas com elementos vegetalistas, bem como uma talha revestida a folha de ouro do Brasil.

...“*pedras antigas, vestidas de musgo, memórias esculpidas pelo tempo.*”

Tradicionalmente, no dia 5 de Dezembro, dia de S. Geraldo, a capela abre ao público, sendo os altares profusamente decorados com frutas, em alusão à lenda do santo. Na Capela dos Reis, mais em frente de quem entra, encontram-se os túmulos de Henrique de Borgonha, Conde de Portugal, e de Teresa de Leão, sua esposa, pais de D. Afonso Henriques. O visitante percorre o que resta de um antigo claustro, perde-se por entre os diversos vestígios arqueológicos acumulados no chão, “**pedras**” antigas, vestidas de musgo, memórias esculpidas pelo tempo. Impossível conhecer a Sé de Braga numa única visita, tantos são os detalhes a merecer atenção, tantas são as mudanças no tempo, as vozes e as memórias gravadas nas pedras e nos objetos, as histórias com mais de um milénio, algumas mais antigas do que o país. Não foi à toa que se cunhou a expressão “Ser mais velho do que a Sé de Braga”...

“Nesse imenso teatro barroco que é o coro alto, onde profano e divino contracenam...”

No interior do templo, o silêncio e a luz coada da nave cativam Maria Ondina. Nesse imenso teatro barroco que é o coro alto, onde profano e divino contracenam, onde real e ilusão se confundem numa alegoria visual, o olhar escritora detém-se nos imponentes **órgãos de tubos** e nas majestosas caixas em talha dourada suportadas por “faunos dourados, negros”. Ainda que não se deslumbre com a pompa do relógio trompe l’oeil que encima o cadeiral principal, cujo centro é um sol resplandecente: os ponteiros do relógio marcam ainda hoje a hora em que Cristo morreu, Sexta-feira santa. Assim como não se demora no frontal que hoje serve de altar-mor, o que resta (juntamente com a imagem de Santa Maria de Braga), de um antigo retábulo destruído por ordem do arcebispo D. Diogo de Sousa.



Mais do que as pedras da Sé, os santos das capelas laterais, todo esse “mundo de antiquíssimos e nobres encantos”, o que atrai o olhar de Maria Ondina é um discreto recanto lateral, “à sombra da Sé”. O que obriga o visitante a sair da catedral pela mesma porta por onde entrou e voltar atrás, contornando o edifício pela Rua da **Senhora do Leite**:

De novo a terra natal. As pedras da Sé. Tentei um dia fazer versos à Senhora que dá de mamar ao Menino. Muito humana aquela Senhora, à sombra da catedral, de seio descoberto que o Menino suga, como mãe verdadeira, mãe pobre parando no caminho a aleitar o filho.

Jamais tive devoção à Virgem. Sempre ela me pareceu alheia à minha condição de mulher, à minha fatal descendência de Eva. Ela, a que nasceu diferente, a toda pura, a que nunca partilhou da guerra crua entre o espírito e a matéria.

Pela Senhora do Leite da Sé de Braga, contudo, guardo cá uma simpatia! Braga tem assim nomes lindos de Santos a dar poesia aos velhos lugares. É a Senhora do Leite, a Senhora-a-Branca, o Bom-Jesus.

À volta da Sé, os pobres. São Nicolau vale àquela gente nas dores de ouvidos e eles creem que no altar, para lá da pedra, se ouve o mar. Santa Luzia com dois pares de olhos - a fé está nos da bandeja. Santa Catarina para os males da cabeça. Os Santos Pretos. A Senhora-da-Boa-Memória: o altar pejado de cérebros de cera.

Muito fresca a Sé nas tardes de Verão. A nave escura e imensa de silêncio. Faunos dourados, negros, seguram aos ombros o coro pesado de talha. E os canos do órgão são como áureos clarins à espera do Anjo do Dia do Juízo.

*Um mundo de antiquíssimos e nobres encantos, a Sé de Braga. As pedras murmuram, e as almas dos prelados mortos, às Trindades, quando o claustro é sem ninguém, vêm adejar à boca dos túmulos. **(Estátua de Sal)***

A escultura da **Senhora do Leite**, datada do século XVI, corresponde (a par da Senhora do Ó) a uma das mais antigas representações da Virgem na religião cristã, proscrita do interior do templo pelo Concílio de Trento pelo que esta representação humana da Virgem continha de desrespeito ao pudor. Mas é justamente essa humanidade da Senhora, da “*mãe verdadeira, mãe pobre parando no caminho a aleitar o filho*” que comove Ondina, da mulher que partilha com a escritora a mesma humana condição a imagem que para sempre guardará no coração. Os versos à Senhora do Leite que a autora afirma ter “tentado” um dia escrever, fazem parte de um caderno manuscrito, inédito, terão sido escritos em Macau, ao que tudo indica em 1962:

Senhora do Leite

*Nossa Senhora de Braga
Pousou no colo o Menino,
Era a sua joia rara,
O seu adorno mais fino.*

*E sorrindo, maternal,
Como nas telas d’Urbino,
À sombra da catedral
Deu de mamar ao Menino.*

*Era ao pôr do sol, então
Logo o Menino dormiu.
Cauteloso o sacristão
Fechou a porta, saiu.*

*E diz-se que o ar vetusto
Do templo sombroso e rouco
À Virgem não causou susto
Nem ao Menino tão pouco,*

*Que inda hoje, p’ra o amamentar,
Sempre Ela ali se acha aceite
— Assim ficou-se a chamar
Nossa Senhora do Leite.*

Macau, 1962 (?), inédito

Frente à imagem da Senhora do Leite no seu baldaquino, no gaveto com a Rua de São João do Souto, fica a **Casa da Roda**, também conhecida como Casa dos Paivas, construída no século XVI. A casa foi alugada pela Câmara Municipal no século XIX, tendo aí sido instalado o “Hospício dos Expostos” que foi a última Casa da Roda em Braga.

A proximidade entre a imagem da Senhora do Leite e a casa onde eram depositadas as crianças enjeitadas, evoca na memória de Maria Ondina o instinto maternal da tia Luiza que aos dezoito anos decide amadrinhar um enjeitado da Casa da Roda. Profundamente agradecido à madrinha, este acompanhá-la-á ao longo da vida, mesmo depois desta enlouquecer e ser internada num manicómio. Na memória de Ondina permanece igualmente viva a nota sociológica do destino de Rosa, empregada da família, casada com o Abel “exposto”:

A Rosa lembro-me dela já casada com o Abel Exposto. Exposto porque fora abandonado na Casa da Roda, o último dos enjeitados – depois dele a Roda acabara –, e bom homem, por sinal. Só que sapateiro sem habilidade, o que então se chamava remendão, não sabia senão atamancar, o Abel.

*A Rosa ia frequentemente visitar-nos, muito magra, muito limpa, a mesma roupa sempre, que era a de melhor, e o cordão no prego, e as orelhas fanadas. «Oh, mulher, fica cá para jantar. Dou-te bacalhau que tu não gostas de ovos.» «Ah, minha senhora, eu agora gosto de tudo...» **(Vidas Vencidas)***

Regressando à Rua do Souto e daí à Praça do Município, vale a pena contemplar a **Fonte do Pelicano**, originalmente pertencente aos jardins do Paço Arquiepiscopal, e transferida para o centro da praça em 1967. Juntamente com o Chafariz do Largo do Paço, a Fonte do pátio interior da Biblioteca Pública de Braga ou a Fonte do Jardim de Santa Bárbara (um dos ex-libris da cidade), a Fonte do Pelicano é testemunho de um culto ancestral da água de que resta hoje na cidade a Fonte do Ídolo da Rua do Raio, santuário pré-romano consagrado a Tongoenabiago, deus da água. Isto sem mencionar as fontes e as nascentes do santuário do Bom Jesus ou as mães de água do tempo dos romanos que viriam a dar origem ao aqueduto das Sete Fontes, do século XVIII, que abasteceu a cidade até ao século XX.

Ao fundo da Praça, do lado oposto à fachada barroca do edifício da Biblioteca Pública, destaca-se um edifício do século XVIII, da autoria de André Soares, hoje **Paços do Concelho**. As fachadas barrocas dos dois edifícios, espelhando-se um no outro, bem como o eixo central desenhado pela fonte, conferem dimensão cenográfica à praça, uma das mais bonitas da cidade.

Saindo da Praça pelo passeio rente ao edifício da Biblioteca Pública, e depois de atravessar o cruzamento com a Rua Eça de Queirós, no gaveto entre a Rua Santo António da Praça e a Praça Conde de Agrolongo (também conhecida como Campo da Vinha), encontra-se a **Confeitaria Santo António (“Luxa”)**. Trata-se de uma das pastelarias mais antigas da cidade, fundada em 1828, por António José da Silva Gomes que, devido ao facto de gostar de vestir bem, recebeu a alcunha de “o luxa”, nome pelo qual a Confeitaria ainda hoje é conhecida. A doçaria de fabrico artesanal que a confeitaria continua a produzir faz dela uma referência na cidade e um símbolo de elevada qualidade, patente nas “talassas”, nos “massapães” ou mesmo na confeção dos famosos “fidalgos” de Braga. Na novela fantástica “O Gato” de *Lua de Sangue*, Mariquinhas tenta, sem sucesso, distrair Bina, a irmã mais nova (a braços com um problema de origem nervosa), com uma ida à Confeitaria Luxa:

Nessa manhã, Quarta-Feira de Cinzas, memento homo, nessa manhã, Mariquinhas: Bina! Tomávamos o café na doçaria Luxa, que tal? Balbina a fingir que dormia.

*(...) Vestia a irmã a casaquinha, ajeitava o chapéu, ajustava as luvas, verificava o relógio de bolso, e Bina a abrir a boca para falar sem emitir nenhum som. Dirigiu-se para a saída, Mariquinhas, sisuda, nem “até logo”, nem “estimo as melhoras”. Magoada? Pudera! Ah, a minha infelicidade... A minha fraca sorte... Uma irmã daquelas, uma professora. Ir na sua companhia à cidade: eu componho-te a mantilha, usa-se assim, tens cabelos louros, fica-te a matar. E o café com leite no Luxa. **(Lua de Sangue)***

Não muito longe, uns metros mais acima, já na Rua dos Capelistas, a **Padaria Ferreira Capa** faz igualmente parte da representação da cidade comercial para Maria Ondina. A Padaria Ferreira Capa é por ela evocada a propósito de um episódio dos tempos de conflito anteriores à República em que um vizinho republicano procurara refúgio no forno da Padaria:

É outro vizinho nosso, republicano e até rico, perseguido pelos monárquicos, ele durante o dia a esconder-se no forno da Padaria Capa. (Vidas Vencidas)

Saindo da Confeitaria Luxa, merecem destaque na Praça Conde de Agrolongo, o antigo Convento do Salvador, pertencente a uma ordem beneditina feminina, fundado nos finais do século XVI pelo arcebispo de Braga Frei Agostinho de Jesus para acolher as monjas transferidas do Convento de Vitorino das Donas, em Ponte de Lima. Foi convertido no século XX em Lar Conde de Agrolongo (onde viria a falecer a escritora, em 2003). Do antigo convento faz igualmente parte a **Igreja do Salvador** que vale bem uma visita: além da talha dourada presente no interior da igreja e do teto de caixotões com alegorias dos continentes, das estações do ano e dos quatro elementos, apresenta uma nave inteiramente revestida por azulejos seiscentistas constituindo, pela dimensão atingida, dos mais interessantes exemplares do Minho.

Do lado oeste da Praça Conde de Agrolongo, situa-se a **Igreja do Pópulo**. Igualmente mandada construir pelo Arcebispo Frei Agostinho de Jesus, em 1596, inspirada na devoção a Santa Maria del Popolo, em Roma, a Igreja surge integrada no Convento agostiniano do Pópulo cuja construção se prolongou por vários séculos. A construção da Igreja permitiria ainda ao Arcebispo encontrar um lugar condigno para ser sepultado, reservando para o efeito a capela-mor, onde repousa desde 1609. Maria Ondina aprecia especialmente os azulejos da Igreja, onde estão representadas várias cenas das vidas de santos ou de Cristo. E recorda a história de um encontro nessa igreja com uma mulher que, pela primeira vez, lhe desvendou o mistério do santo espanhol invocado pela mãe sempre que perdia um objeto:

Até que uma tarde, nas férias grandes, eu a entrar na igreja do Pópulo — preciosos os azulejos do Pópulo, qual os de São Vicente e de São Víctor — e uma senhora idosa ali a arranjar os altares. Toda desembaraçada a dama a estender toalhas de linho, a pôr flores nas jarras, e tomar-me por turista, a velhota. Turista portuguesa, claro. E como eu na altura trazia óculos escuros e debaixo do braço uma revista de arte sacra, dera-lhe decerto essa impressão. Assim, ela a aproximar-se de mim, muito simpática e mesureira: — A menina é a primeira vez que vem a Braga, não? Será que lhe posso ser útil?

E sem esperar pela minha resposta, ei-la a pôr-me a par da fundação do templo. E seguidamente, pela nave acima, a desfilar os nomes dos santos e seus atributos.

— Esta é Santa Rita de Cássia, advogada de casos impossíveis. A ferida na testa foi um espinho que numa das suas visões, Cristo lhe ofereceu da coroa que tinha na cruz. Aquele, S. João de Brito, fidalgo português...

E por aí fora.

(...)

Mostrava-me tudo, a minha amável guia.

Até que pedi licença para a interromper:

— Falou de Santa Teresa. De Teresa d'Ávila. É que eu interesse-me por um santo também espanhol desconhecido entre nós. E nomeei S. Tomaz de Villanueva.

— Ah! — exclamou ela. — De verdade? Que eu, desde muito nova, sou uma fiel devota do grande santo.

Pegava-me na mão.

— Olhe, não será assim tão desconhecido, S. Tomaz, porque está ali. Lá em cima, no altar-mor! Aquele de mitra e capa de asperges. Muito querido, esse santo, entre os espanhóis que o apelidam de «Pai dos Pobres».

E acabou por me contar como soubera do dito santo e seus milagres a favor das coisas perdidas. (...)

E sentámo-nos num banco. Encantadas, as duas. Eu por ter finalmente descoberto um tal mistério. Ela por mo haver desvendado. (Vidas Vencidas)

“A menina é a primeira vez que vem a Braga, não? Será que lhe posso ser útil?”



Seguindo pela lateral sul da Igreja, pontuada pela Fonte do Pópulo, anexa ao edifício em 1844, impõe-se ao olhar o majestoso **Palácio dos Biscainhos**. Construído no século XVII, deve o seu nome aos artífices vindos da Biscaia que trabalharam neste como noutros edifícios da cidade. Trata-se de uma casa senhorial, projeto do arquiteto Manuel Fernandes da Silva, mandado construir por Constantino Ribeiro do Lago, Procurador Geral da Mitra, Cavaleiro da Ordem de Cristo e 1º Senhor da Casa dos Biscainhos. Desde o século XVIII que veio a ser, por descendência, propriedade dos Condes de Bertandos. Os interiores do Palácio preservam mobiliário, louças, utensílios vários e uma notável coleção de artes decorativas que oferece ao visitante uma viagem no tempo, ao quotidiano da nobreza setecentista, quer na sua dimensão social quer privada. Os **jardins do Palácio**, incluindo o pomar e horta, justificam só por si uma visita demorada, propiciando a quem os procura não apenas um refúgio de silêncio, de tranquilidade e de beleza, mas também um cenário natural, com novas cores em cada estação, um *habitat* privilegiado que abriga diversas espécies de fauna e de flora. O jardim barroco é um dos mais importantes do país, acrescentado no último ano de reinado de D. João V, 1750, uma cartografia cenográfica que inclui, entre outros elementos, portões ornamentais, esculturas de granito, fontes de repuxo, um pavilhão de jardim, duas “casas de fresco” e um mirante.

Entre as diversas espécies arbóreas, importa destacar o imponente tulipeiro (*Liriodendron tulipífera*) do século XVIII, com mais de vinte e sete metros de altura, que aparece já representado no mapa da cidade de Braga de 1755: o que muito provavelmente faz deste exemplar um testemunho vivo do Terramoto de Lisboa. No século XIX, no reinado de D. Luís I, a família real visitou o Jardim dos Biscainhos, a convite dos condes de Bertandos.

Para Maria Ondina, o Palácio dos Biscainhos está sobretudo associado à memória coletiva das sumptuosas e intermináveis obras de melhoramento a que o palácio foi sujeito durante a primeira metade do século XVIII, desde logo, o mirante. As histórias dessas obras dilatadas no tempo alimentaram narrativas familiares, mas também a superstição e a lenda urbanas:

Na cidade dos Arcebispos, um exemplo, as infundáveis obras do Palácio dos Biscainhos. Isto porque, terminado todo o trabalho de trochas, pedreiros, pintores, estucadores, ceto e sabido, a morte do dono. Concluindo: enquanto o fidalgo lá a morar, suspensas as escadas do mirante que botava para o jardim. Escadas que, se no Sonho de Jacob as escalavam anjos em homenagem à geração de Jeová, aqui sinal de consideração pelo arnês nobiliárquico. (Vidas Vencidas)

O Palácio dos Biscainhos está ainda associado às não menos lendárias cavalgadas noturnas do fidalgo pelas ruas de Braga que assombravam o seu imaginário de infância:

Lembro-me da primeira vez que ouvi o clap-clap dos cascos de um cavalo pela noite. Devia andar nos meus sete anos. (...) À roda da salamandra, pois, a família: os grandes a tomar café e os pequenos a jogar o quino. (...) Nisto... Que barulho era aquele? Sacudindo o sono, fui-me aproximando da janela. Clap-clap, o trote regular e ressonante. Quem é, minha mãe? A conversa dos grandes prosseguia, a par o tinido das chávenas. Seria que ali ninguém dava conta? O eco cada vez mais perto e mais forte.

(...)

Tremia toda ao puxar pela manga do vestido da minha mãe:

—Que é aquilo?

—Ah, não te assustes. É o fidalgo dos Biscainhos.

—Fidalgo? Tão de noite e tanto frio?

Era verdade.

Comuns, aliás, excentricidades assim entre os da nobreza. Este, que dormia de dia e se levantava quando todo o mundo se deitava, tinha um cozinheiro

privativo, e lá pela meia-noite passava pela cidade para espaiar-se.
(A Filha do Juramento)

Seguindo pela Rua dos Biscainhos do lado esquerdo, poucos metros à frente, na Rua D. Diogo de Sousa, ergue-se o **Arco da Porta Nova**, um dos ícones da cidade. Foi uma das portas das muralhas da cidade, edificada no século XVI por ordem do arcebispo D. Diogo de Sousa. O Arco deve a sua configuração atual a uma iniciativa do arcebispo D. Gaspar de Bragança, em 1772, havendo alguma dúvida quanto ao arquiteto responsável pela obra (André Soares ou Carlos Amarante). O facto de nunca ter tido porta é uma das razões avançadas para a pergunta que se costuma fazer quando alguém se esquece de fechar uma porta: “És de Braga?”

Seguindo pelo Arco da Porta Nova, em direção à Rua Frei Caetano Brandão, poderá ver-se, do lado esquerdo, quase escondida entre os prédios, o que resta de uma torre medieval da muralha fernandina. Ao chegar ao Largo Paulo Orósio, situado no que foi o antigo *forum* romano, justifica-se um pequeno desvio até às **Termas Romanas do Alto da Cidade**, na colina de Maximinos. A superfície escavada pôs já a descoberto uma parte muito significativa do complexo de termas públicas romanas, ainda que o teatro ali existente, em escavação, tenha sido parcialmente destruído pelo crescimento da cidade nos anos setenta e oitenta. Juntamente com as ruínas da *Domus* das Carvalheiras, exemplar de arquitetura urbana privada situado nas imediações do *forum* e datado do século I (atualmente em escavação) e as valiosas peças expostas no Museu de Arqueologia D. Diogo de Sousa —entre elas os imponentes marcos miliários—, testemunham da antiguidade e da importância da cidade, fundada por volta do ano 16 a.C. pelo Imperador Augusto; a cidade ficaria para sempre a dever ao Imperador o nome de Bracara Augusta. Além dos vestígios presentes em muitos edifícios do centro histórico. As ruínas romanas, ou como lhes chama Ondina, as “pedras” de Braga são uma das marcas identitárias da memória da cidade e das suas gentes:

Nasci numa cidade pequena com pedras do tempo dos romanos e Nossas Senhoras de todos os nomes. (Estátua de Sal)

Variáveis em cada terra, as pedras. Amarelas, pretas, húmidas, aqui em Macau. Brancas em Braga, e no Verão, lembram ossadas – uma cidade de ossos, um claro, vasto, saudável cemitério. (Estátua de Sal)

De regresso ao Largo Paulo Orósio, seguindo pela Rua de São Paulo, destaca-se a **Capela de Nossa Senhora da Torre**, da autoria de André Soares, construída a partir de uma torre medieval que conserva ainda a aparência desse tempo. A Torre de Santiago foi originalmente um dos pontos de vigia e uma das entradas da cidade medieval. A Capela de Nossa Senhora da Torre foi acrescentada mais tarde, e adossada à muralha medieval uma torre sineira e um oratório de Nossa Senhora da Torre em ação de graças pelo facto de a cidade ter escapado ilesa ao terramoto que devastou o país em 1755. Maria Ondina recorda a devoção da população à Senhora da Torre, confiando-lhe desde essa data a proteção da cidade em todas as circunstâncias, incluindo trovoadas:

Pelo regresso do rei as regateiras da praça prometiam as arrecadas a Nossa Senhora da Torre que, do alto do seu altar de vidro, afastava as trovoadas, e que em 1755 livrara milagrosamente Braga do tremendo terramoto. As arrecadas e os cordões de ouro, as feirantes, à protetora da cidade, a fim de que Ela repelisse dali a praga dos pedreiros-livres. Isto enquanto as costureirinhas davam vivas ao Afonso Costa. (Vidas Vencidas)

Lá em casa as mulheres de joelhos diante do oratório nessa lengalenga, e padre-nossos e avé-marias, e a vela benta a arder, e o raminho de oliveira chamuscado. Muito de trovoadas, Braga, nesse tempo. Santa Bárbara, S. Jerónimo, Nossa Senhora da Torre: os raios caíam no campanário, a torre ficava de pé. (Passagem do Cabo)



Casa dos Coimbras (janelas).

A partir do Largo Paulo Orósio, descendo a Rua de D. Gonçalo Pereira em direção ao Largo de São João do Souto, deparamos com a **Casa dos Coimbras**, uma das casas que faz parte do mapa afetivo de Maria Ondina. A construção primitiva da casa data de 1471 e serviu de residência eclesiástica. No século XVI viria a ser reconstruída e adquirida pelo provedor do Cabido de Braga, D. João de Coimbra, e foi demolida em 1906 para dar lugar ao atual Largo de São João do Souto. A casa foi deslocada para o Largo de Santa Cruz e novamente reconstruída em 1924, incorporando elementos arquitetónicos da antiga construção, com destaque para a belíssima janela manuelina que seduz o olhar da escritora Maria Ondina, “onde os turistas paravam a tirar retratos”. **(A Revolta das Palavras)**



Casa dos Coimbras e Capela de Nossa Senhora da Conceição. (fachada lateral).



Capela de Nossa Senhora da Conceição.

A Casa dos Coimbras integra ainda uma capela privada, a **Capela de Nossa Senhora da Conceição**, datada de 1525, contígua à Igreja de São João do Souto. O interior esconde um altarmor e uma escultura em pedra de ançã atribuídos a João de Ruão: o retábulo apresentando Nossa Senhora da Conceição ao centro, ladeada por Santa Ana e São Joaquim e um conjunto escultórico policromado representando a Deposição de Cristo do qual se destaca a figura dramática da Mater Dolorosa. O altarmor surge enquadrado lateralmente por azulejos do século XVIII alusivos à criação do mundo, ostentando ao centro da abóbada de nervuras a pedra de armas dos Coimbras, além de vários elementos da simbologia maçónica na pesada porta de madeira que dá acesso à capela, depois da galilé.

Descendo a rua pela lateral da casa até ao Largo Carlos Amarante, merece uma visita a **Igreja de São Marcos**, obra do arquiteto que dá o nome ao Largo, datada do século XVIII. A igreja surge inserida no corpo do edifício do antigo hospital de São Marcos, construído em 1508 para dar assistência aos peregrinos do Caminho de Santiago e aos pobres da cidade, hoje uma prestigiada unidade hoteleira. A Igreja guarda no seu interior as relíquias do apóstolo S. Marcos cujo corpo se julgou desaparecido durante vários séculos.

A memória da escritora Maria Ondina haveria de gravar para sempre a imagem do presépio que aí se erguia no Natal, juntamente com outros presépios da cidade:

O da Igreja de Santa Cruz enorme e com luminárias, o da Creche, o do Pópulo, o dos frades de Montariol com música e o figurado em movimento.
(Vidas Vencidas)

A estes se poderiam acrescentar hoje o presépio movimentado do **Mosteiro de Tibães** e o presépio ao vivo de Priscos, considerado o maior da Europa, com várias centenas de figurantes, ambos atraindo vários visitantes e turistas de todo o mundo.

Encostada à fachada oeste do Hospital de São Marcos, encontra-se a capela de **S. Bentinho**, de meados do século XVIII, cujo padroeiro continua ainda hoje a ser objeto de culto popular, visível nas oferendas ao santo (velas, moedas ou os tradicionais ovos) em troca da cura dos males de pele, verrugas, cravos ou outras doenças de maior gravidade:

E às quintas-feiras, nos dias grandes, pela tardinha, atravessando a cidade, os romeirinhos de São Bento de Trás do Hospital. A tia Glória: «Vou também.» E a Elisa na sua peugada.(...)

*Que, efetivamente, na cidade dos Arcebispos, esse S. Bentinho tido como venerável advogado de males ruins. Ainda agora. Diariamente, mas em particular às quintas-feiras, a capelinha à cunha, o gradão escancarado, velinhas a arder. E ex-votos de cera quando não de ouro. Isso para lá das pinturas, os retratos, as fardas dos soldados da Guerra de África, as mortalhas dos penitentes. E ovos para os tísicos. E cravos de rogo pelas verrugas. Mal de pobres e de aldeãos, as verrugas. Um nascidas que, segundo constava, vinham do desrespeito de contar as estrelas de madrugada, quando elas desmaiavam nas Alturas. Nessas noites, todavia, após a romagem, regressavam a casa, os romeiros, deitavam-se, adormeciam cheios de fé, acordavam com a pele limpa, os lençóis ensanguentados que nem o véu da Verónica. **(Vidas Vencidas)***

Ainda no Largo Carlos Amarante, a **Igreja de Santa Cruz**, datada do século XVII, apresenta uma arquitetura mais sóbria. No interior, sobressai a talha dourada do órgão e dos púlpitos. E no exterior, a fachada frontal esconde os três galos associados à negação de Pedro e aos instrumentos da Paixão da Cristo. A crença popular converteu em galos casamenteiros os galos da traição, atraindo a curiosidade das mulheres solteiras e dos turistas que visitam a cidade e se demoram a tentar descobri-los na fachada da igreja. Reza a lenda que se quem encontrar os galos for mulher, casará daí a pouco tempo.

Digna de visita é igualmente a **Casa do Raio** que o visitante pode encontrar descendo a rua da Casa dos Coimbras em direção ao Largo Carlos Amarante e contornando em seguida, lateralmente, a Igreja de São Marcos até ao fundo da rua. Construído entre 1752-1755, por encomenda de João Duarte de Faria, comerciante da cidade, este

exemplar notável da arquitetura civil barroca é um projeto do arquiteto André Soares. Foi comprado no século XIX por Miguel José Raio, visconde de São Lázaro, que fizera fortuna no Brasil, passando desde aí a ser designado como Palácio do Raio. São também deste século os azulejos que dão o tom azul pelo qual a fachada da casa é reconhecida, fazendo sobressair a teatralidade das suas onze sedutoras janelas. O Palácio é hoje o Centro Interpretativo das Memórias da Misericórdia de Braga que acolhe o núcleo museológico e o acervo documental da instituição.



Casa do Raio.

Maria Ondina chama-lhe Casa do Raio, ao evocar a figura de D. Eugénia: “Solteira, anã, usava botas até ao joelho”. Senhora de grande devoção, zelosa guardiã da virtude das raparigas pobres e das “criadas de servir”, oferecia-se para madrinha de casamento, dava-lhes o enxoval e batizava-lhes o primeiro filho. “Que ela própria, noctívaga por natureza, a companhia que não fazia ao visconde, Dona Eugénia, jantando juntos e jogando as cartas” **(A Filha do Juramento)**.

Ali ao lado, está a **Fonte do Ídolo**, santuário rupestre consagrado a Tongoenabiago e ao culto da água. Testemunho do culto aos deuses indígenas na época romana, é o único a ter sobrevivido praticamente intacto até aos nossos dias. Foi mandado edificar no século I por Célico Fronto, cidadão romano de Arcóbriga e sofreu obras de musealização de 2002 a 2004.



Theatro Circo. Salão Nobre.

Ao chegar ao cruzamento com a Avenida da Liberdade, e virando à esquerda na direção da Arcada, o olhar suspende-se a observar o belíssimo **Theatro Circo**, um dos espaços culturais da cidade que fazem parte da memória afetiva da escritora. Ocupando o espaço do antigo Convento dos Remédios, o edifício do Theatro Circo é um projeto do arquiteto João de Moura Coutinho, inaugurado em Abril de 1915, que veio dar corpo à iniciativa de um grupo de cidadãos bracarenses, liderado pelo então Presidente da Câmara, Artur José Soares.

“...belíssimo Theatro Circo, um dos espaços culturais da cidade...”

Com uma das mais belas salas principais dos teatros do país, pelo seu palco passaram óperas de Puccini e de Verdi e artistas de renome internacional, desde a violoncelista Guillermina Suggia, o violinista Isaac Stern ou o pianista Arthur Rubinstein, além de grandes Orquestras Nacionais (Praga, Viena, Florença, entre outras) e de uma imensa lista de nomes conceituados da cena artística internacional contemporânea. Foi neste espaço que os pais de Maria Ondina terão visto pela primeira vez filmes mudos, em especial os filmes de Charlie Chaplin que tanto apreciavam e os levava igualmente, durante o período de veraneio, ao Theatro Garrett da Póvoa do Varzim. Depois de um longo período de decadência e de profundas obras de requalificação, o teatro reabriu ao público em outubro de 2006, sendo um dos quatro teatros portugueses escolhidos para integrar a Rota Europeia de Teatros Históricos que distingue os mais belos e melhor preservados teatros construídos entre o período renascentista e as primeiras décadas do século XX.



A partir da Arcada, subir pela Rua dos Chãos em direção à Rua de S. Vicente, é fazer o trajeto diário da jovem Maria Ondina a caminho do **Liceu Sá de Miranda** que frequentou até interromper os estudos em novembro de 1938, por motivo de doença. A rua, além de estreita, era então soturna, deixando na memória da estudante uma “lembrança magoada de *via crucis*”: as viúvas de preto, com véus na cara, a caminho do cemitério de Monte d’Arcos pouco metros ali à frente — onde descansa hoje o corpo de Maria Ondina—, trazem à memória da escritora as mulheres de véus cor de fogo que viu na Somália francesa e a condição feminina nas diversas geografias:



Liceu Sá de Miranda.

Ao liceu, chegava pela Rua de São Vicente. Visto ser também o sentido do cemitério, casas funerárias, enterros, homens e mulheres de preto, senão o fumo na manga ou na lapela. Que as viúvas, essas, de crepes pela cara. Tal ainda hoje as mulheres de Mafooma seja qual for a sua situação. A Sura das Mulheres ordenando que elas se ocultem nos véus a fim de se absolverem dos pecados dos homens. Vi-as assim em Jibuti, na Somália Francesa. Véus cor de fogo. Os seus rostos como se incendiados. (Vidas Vencidas)

Há, todavia, um lugar feliz na rua sombria: a **Doçaria de São Vicente**, em frente do Liceu, é uma tentação para as bocas estudantis, um doce milagre que a transporta para longe das aulas e de tudo à volta na cidade adormecida:

–Se fôssemos à Doçaria de São Vicente?

Fomos. Ao balcão, duas senhoras de cabelos brancos e traje preto. Antigas criadas de freiras que, tendo herdado as receitas conventuais, as mercadejavam. Cheia, a loja. Pessoas que compravam massapães, casadinhos, biscoito fidalgo. Nós preferíamos lêvedos.

Arrefecia mais e apressámo-nos. Frio? Nem admirava. Dia de Todos os Santos neve nos campos.

Macios, os lêvedos, deliciosos.

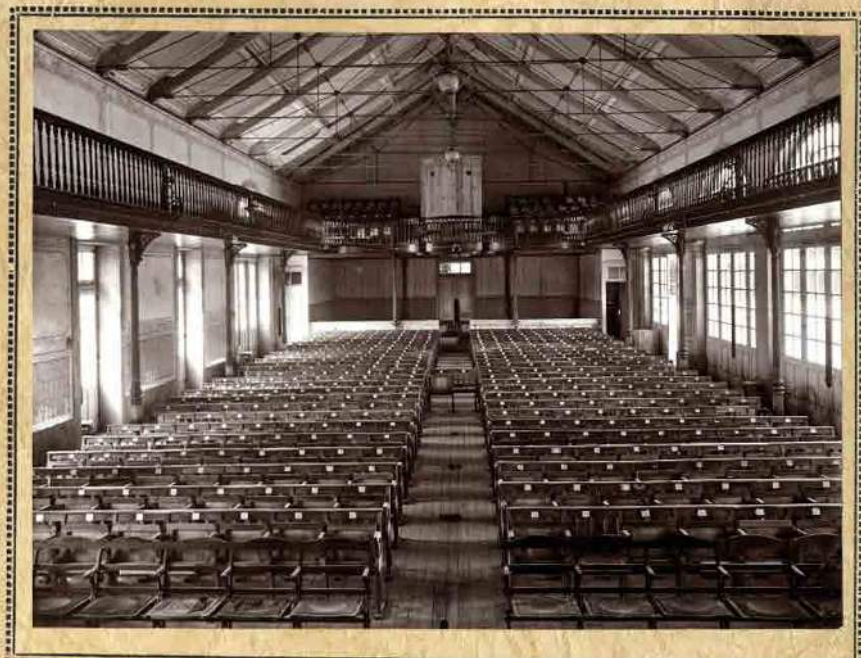
E não é que, pouco e pouco, e como por magia, tudo o mais já a ficar para trás? Quanto a mim, pelo menos. E não apenas a janela da minha turma qual bandeira a meia haste no gaveto do edifício mas também os segredos e os sobressaltos da Cidade do Sono. O milagre dos lêvedos? Quem sabe?.

(Vidas Vencidas)

Aberta desde 1829, a Doçaria sofreu recentemente obras de ampliação e modernização que de algum modo descaracterizaram o interior. Mas mantiveram a fachada original e a qualidade da confeção que tornaram a casa afamada em doces conventuais e tradicionais, desde as “Viúvas”, receita com mais de trezentos anos vinda do Mosteiro de Tibães, aos “fidalguinhos”, “casadinhos” e bolos lêvedos que fazem as delícias de Maria Ondina.

Ainda se pode ver no Liceu Sá de Miranda a janela de esquina do segundo andar, embora já não dê para uma sala de aulas. A janela que a mãe vigiava, do exterior, desconfiada:

A minha turma é acolá! Aquela janela de esquina no segundo andar”. Ah! E quando o vento soprava de Norte? Gelada, a sala, não? De pescoço esticado e o olhar fito na janela, minha mãe. Escurecia. “Vamos que vai arrefecer!” Mas aquela janela... Tivéssemos cuidado com as correntes de ar. A minha colega de carteira, os romances que ela carregava na pasta –não os cor de rosa, não, os policiais– na capa de um deles um prédio também com fileiras de janelas e um X negro a marcar a de esquina. Crime? Suicídio? Já na Ilustração Portuguesa... Na Ilustração Portuguesa a janela assinalada era aquela donde o Papa botava a bênção, em Castelo Gandolfo. Janela, contudo, de frente. De frente e de fé. (Vidas Vencidas)



Interior do Teatro (vendo-se a cabina)

(41,00 x 12,40 x 8,40)

66

Ao contrário da “janela de frente e de fé” de Castelo Gandolfo, a janela de esquina é uma “janela equívoca” que assusta a mãe de Ondina e há de assombrar a escritora:

O único liceu, então, e que lá continua, na Rua de São Vicente, quem vai para o cemitério. Sá de Miranda o seu nome. E a sala da minha turma uma de janela equívoca porque de esquina. Casa de esquina, reza o ditado, assombração ou ruína... Janela que, de tanto a recordar e toda me arrepiar, bem possível talvez nunca haver existido. Pois coisas assim comigo, verdade aqui seja dita, coisas dessas vêm-me de dentro ou das sombras que me seguem. **(Vidas Vencidas)**

O antigo Liceu Nacional Sá de Miranda (hoje Escola Secundária) tem a particularidade de ser um Liceu-Museu que reúne, desde a sua fundação em 1836, no reinado de D. Maria II, uma importante coleção de material didático-pedagógico em diversas áreas do conhecimento científico, incluindo algum proveniente do antigo Colégio do Espírito Santo que ali funcionou até 1910. Além de um amplo

teatro. É nesse teatro que nasce, segundo a escritora, a sua paixão pela China. Vaga herança do tio Luiz, a paixão acorda subitamente num sábado, quando a jovem Maria Ondina escuta um conferencista falar sobre a China:

Talvez o mais estranho de tudo quanto acabo de contar, é se, porventura, aqui começou, então, pela China a minha paixão. Todos os sábados, ao fim das aulas, conferências para os alunos no teatro do liceu. (...) Tema de conferência daquele sábado, a China. Contra o costume, nenhum dos professores ou alunos adiantados, mas um desconhecido. Arredado que foi o pano de boca, ele aí estava, sujeitinho de preto, barba pelo peito, máquina de filmar a tiracolo e malinha de mão. Quem seria a personagem? Perguntávamos. Donde teria vindo? E por que não nos diziam quem era? (...)

Mas porquê um silêncio agora com este tal? Assomando sozinho no palco, o referido conferencista, as suas grandes barbas já grisalhas, as vérias.

Que ainda hoje não sei bem de quem se tratava. Nem eu nem nenhum dos outros estudantes, decerto. Antes de mais nada, as cerimoniais mesuras, a seguir algumas palavras em língua estranha (uma saudação?), e por fim em português.

Ora bem, se ele viera da Ásia, se viera da China, nem seria preciso que no-lo dissessem. Pois os filmes que logo desatou a passar muito diferentes dos que já víamos no cinema. Diferentes e distantes.

Pouco mais que o chá comprado pelo tio no Porto e importado de Inglaterra, a China, para nós. Não o de jasmim, não. Isso muito depois. Uma infusão algo rosada, fresca e transparente capaz de influenciar as relações do sistema nervoso. Tinha, não obstante, mais virtudes essa bebida. No funeral da professora de piano, que acompanhámos em lágrimas, de regresso a casa a mãe a lavar-nos os olhos inchados com aquele chá.

Eu, contudo, a saber que a China era vastíssimo território. Um país onde se escrevia não com lápis mas com pincel, uma habilidade, uma arte. E onde se comia arroz, mas com pauzinhos. E rezavam a um Deus obeso e prazenteiro, enquanto o mártir do nosso Cristo a morrer na cruz.

(Vidas Vencidas)

A paixão de Maria Ondina por “ver a Terra”, e em especial, a China há de levá-la até Macau, Hong Kong, Pequim, como a muitos outros lugares do mundo. Mas se a sua vida é feita de vento e itinerância, as suas raízes aéreas, móveis como ela, são os lugares do Norte e da cidade que a viu nascer.



De Braga, a escritora recorda ainda as **festas populares de S. João** cuja origem se perde no tempo e são ainda hoje um dos momentos altos da vida da cidade. As festas têm como ponto central a Capela de São João da Ponte, datada do século XVI, que deu o nome ao Parque onde se situa. Antiga devesa dos arcebispos, a parte interior do Parque, além de jardins e de um lago artificial, é o *habitat* de várias espécies arbóreas: sequóias, abetos, cedros do Oregon, carvalhos alvarinho, ciprestes do buçaco, entre muitas outras. A parte exterior, crescida à volta da **Capela de São João da Ponte** e das festividades joaninas, é um autêntico repositório do tempo e das histórias da cidade. Entre elas, merecem destaque alguns elementos: a popular escultura do “Diabo Manquinho” que pertenceu ao Paço de D. José de Bragança; o romântico coreto Arte Nova com azulejos de motivos florais; e o **cruzeiro** mandado erguer em memória de um hospital improvisado por ordem de D. Frei Bartolomeu dos Mártires para assistir os doentes durante uma epidemia de peste negra que assolou a cidade no ano de 1570. No plinto do pelourinho pode ler-se: “*Sendo Arcebispo de Braga, D. Frei Bartolomeu dos Mártires houve peste nesta cidade no ano de 1570, e os empedidos foram trazidos a esta deveza*”.

Festas de S. João, Braga. Foto de Hugo Delgado.



Maria Ondina recorda o fogo de artifício, à meia-noite, transfigurando a Igreja dos Congregados ou enchendo de luz e de cor o quarto da casa grande, a música no coreto, o cheiro das tílias, as danças, a animação da cidade, as orvalhadas. E em especial, o fogo-chinês convertendo o céu noturno num mágico teatro de luz:

Festejos de S. João em Braga. Ao fim da leitura da noite (como nos conventos?), tomávamos chá em silêncio. Depois, eu à janela a observar as minhas colegas do liceu, para cá e para lá, na Avenida, com vestidos a estrear.

Tremulavam grisetas. Os velhotes do asilo Conde de Agrolongo alugavam cadeiras a senhoras e cavalheiros da sociedade. As tílias rescendiam. E, ao soar da meia-noite na torre dos Congregados, trás, as cataratas de luz, o fogo-de-artifício. O quarto ali todo ouro, prata e furta-cores. O quarto e as copas das árvores que os pardais sobrevoavam, assustados. No jardim, as minhas ex-colegas suspendiam o passeio para, de pescoço esticado, apreciarem lá em cima a artificiosa chuva de pérolas, de relâmpagos, de pranto.

Vinha, em seguida, o fogo-chinês: luminárias de bonecos-de-papel, subindo em círculo, rumo ao céu: o cavaleiro andante, o frade crúzio, a dama de saia-de-balão. Que aí a mãe a contar de minha avó com uma saia assim num retrato antigo. «Aos dezasseis anos, tão aprimorada, tão própria que nem uma princesa!» E da embirração que ela tomara pelo retrato: «Pareço uma boneca de fogo!» A acompanhar com os olhos a ascensão da matrona da crinolina, e a suspirar, minha mãe: «Que desgosto! Rasgou-o decerto. E era o único retrato que tínhamos dela...»

À girândola final, um aparatoso estrépito sobre a cidade esventrada e verde, a vez das orvalhadas.

Descíamos então a guilhotina da janela. De acordo com a tradição, orvalhadas a desoras traziam humores ruins... E dávamos as boas-noites.

(Vidas Vencidas)

A escritora recorda igualmente os festejos da **Semana Santa** que fazem de Braga um lugar de referência no turismo religioso internacional. A escrita rememorativa de Maria Ondina revisita os gestos e os rituais familiares, dá conta do dramatismo das imagens, das cores, dos sons que impressionam a criança (o dobre dos sinos, os cânticos fúnebres, “o som cavo dos bastões nas pedras da calçada” na procissão do Senhor *Ecce Homo*). Dá conta da atmosfera pesada da casa e da cidade, da irreverência da criança e dos irmãos, “rindo

alto” quando todos deviam mostrar-se tristes. Ainda que não refira o som arrepiante das **matracas dos farricocos**, figuras emblemáticas da Semana Santa de Braga, cujo *pathos* dramático é acentuado pelo contraste entre o negro das vestes negras e a luz dos fogaréus que alguns deles transportam. A escrita de Maria Ondina configura-se, ao mesmo tempo, como relato ou registo etnográfico dos gestos, dos costumes, das convenções, do modo como era vivido coletivamente o tempo pascal na cidade:

A Semana Santa, em Braga. Grande azáfama na velha casa porque era o tempo das limpezas gerais. Nas janelas abertas de par em par ondulavam os cortinados de cassa engomados de fresco. E nas jarras da sala eram os ramos de goivos, de margaridas, de junquinhos.

Em chegando a Sexta-Feira Santa a mãe dizia para ficarmos tristes. O seu rosto compenetrava-se. Vestia de escuro. O vento da Primavera, porém, trazia até nós a seiva da terra moça, um vento que nos excitava, nos chamava para as rodas no quintal, para os balouços. Assim, com sincera pena da piedade maternal, a gente ria alto nesse dia.

Dobravam sinos à Paixão. As rebuçadeiras, por trás das mesas de venda, chamavam os fregueses à porta das igrejas. E então gatos por todo o lado, gatos escorraçados das salas e das cozinhas pelos asseios da Páscoa.

Na igreja não era preciso mandar ficar triste. O ar pesado do incenso do calor dos círios, do perfume das açucenas, os paramentos negros do ritual, os cânticos fúnebres, tudo entristecia de morte.

O Senhor no esquite. O seu longo corpo pisado, como um lírio murcho. Muito frios os pés que a gente beijava, trémula. Deitavam-se dois tostões na bandeja de prata e tirava-se um que era guardado para todo o ano: relíquia benfazeja.

O Senhor dos Passos. O «Ecce Homo» de pé, gesto desprotegido, olhar de resignação à loucura dos homens. A Virgem das Dores com lágrimas de brilhantes. Cristo na crua: braços estirados de músculos salientes, cabeça agonizante, pendida, aquela fadiga, aquele desamparo...

Inúteis as frases rendilhadas pelo pregador. A tragédia estava nas belas esculturas de autores ignorados. E a Augusta Cidade, ressoando ao lúgubre dobrar dos sinos, parecia toda feita para aquilo, quando, veladas as luzes, o clero de cabeças encapuzadas, o som cavo dos bastões nas pedras da calçada, a procissão passava noite fora com o enterro do Senhor.

Às vezes o tempo fazia virar as grimpas das torres para Viana. Pouco tardavam as cordas de chuva. Corria-se a fechar as janelas. A goma dos cortinados amolecia. Face colada à vidraça, nos olhos a melancolia das chuvas de Março, a gente perdia-se a imaginar grades de prata ligando o Céu à Terra.

O Domingo de Páscoa, no entanto, com o perfume das lestras e do alecrim, o estrépito dos foguetes, o tilintar das campainhas, outra coisa já. Marcava-o a aridez dos domingos na província. Não se saía à rua ao fim da missa porque se esperava o Senhor Abade. As horas caíam brancas.
(Estátua de Sal)

Da memória da cidade religiosa e das suas muitas igrejas, faz parte uma figura feminina, meio real meio imaginária: a Ventaneira. Trata-se de uma mulher enigmática, “meio freira, meio louca” que anda pela rua com uma “touca de monja, vivia a percorrer as casas de Deus, odiava os padres e rezava em latim”. A estranheza da Ventaneira é a razão do seu fascínio: criatura híbrida, no limiar de dois mundos, entre a loucura e a razão, a fé e a superstição popular, bruxa ou “lobimulher”, a ventaneira assusta e ao mesmo tempo fascina Ondina menina:

Não sei por que artes me vem neste momento à ideia a Ventaneira. Era eu menina e ia muito à igreja. Braga tem igrejas, sinos, missas de sobra. Em Braga, ir à igreja faz parte da vida, é como respirar. Eu fui criada a visitar a igreja todos os dias. A Ventaneira, meio freira, meio louca, integrava-se no cenário religioso da cidade de então. Ora nos Terceiros, ora na Senhora-a-Branca, ora na Sé. Andava de missa em missa, de bênção em Te-Deum, de novena em tríduo, sinistra, enigmática, só, como o vento de sala em sala nos casarões assombrados. Aquela mulher impressionava-me. Passava muitas vezes o tempo na igreja a olhar para ela. Seu nome ninguém o sabia. Ventaneira fora batismo da rua, alcunha do rapazio impiedoso, trocista, que a perseguia, incapaz de se conformar com a figura da velha toucada de freira, de vestes negras, esburacadas, que na igreja voltava as costas ao padre e rezava em latim.
(Estátua de Sal)

Corpo dobrado não ao peso dos anos, mas das véias que, de manhã à noite, ia desenhando pelas igrejas. Dobrado pelo vento que a arrastava pelas ruas e de quem ela “lembrava um arremedo”. Criatura de vento, é ao vento que deve a alcunha.

Maria Ondina há de decifrar o mistério da ventaneira e dos seus “olhos da cor do vento”. E saber-lhe o nome verdadeiro, um dia em que vem a pé, com a mãe, de uma aldeia próxima para uma missão na igreja de São Victor. De repente, saída de uma encruzilhada, a Ventaneira caminha ao lado delas, “os trapos do seu manto preto, a esvoaçar, recordavam asas de morcego, pássaros da noite”. Ondina caminha cosida à mãe. Será durante esse trajeto que Teresa revela a sua história e a ventaneira deixa de ser “a louca de Braga” para passar a ter um nome, a ser alguém “como nós”:

E enquanto o rosto se lhe ia esboçando no bioco do manto, um rosto miudinho, engelhado, macilento, que a touca branco-sujo de freira enquadrava de múmia, comecei eu a amar a Ventaneira, a amá-la por ela falar para nós, só para nós, nas congostas do campo, entre a noite e o dia, por ela ser diferente dos outros, diferente de nós, e seguir connosco.

(Estátua de Sal)

O olhar da escritora mostra-se atento aos mais frágeis, carenciados ou marginalizados, num desejo de inclusão que não conhece fronteiras sociais, ideológicas, culturais ou morais. Atento, em particular, à condição das mulheres, como sublinhámos a respeito do Recolhimento das Convertidas. À diferença desde logo vivida em termos urbanos:

A pobreza. Os bairros pobres da cidade. São Lázaro, São Victor, a Sé. E doenças. A tuberculose. O Bairro Araújo Carandá, hoje um hotel, então uma ilha de tísicos. Que as mulheres sempre pejadas. E um cubículo para a família inteira. Desamparadas, as mulheres, no fim do tempo, a correrem para a Igreja: “Vou mas é confessar-me que chegada a hora preciso de estar de bem com Deus.” Quanto a velhos, a maior parte acamados, e, em tugúrios sem janela, acabando cegos. Havia mesmo, pela Pascoela, a cruz dos entrevados da Rua da Cónega. (...) Logo nada de admirar que a arraia-miúda dessa época contasse quase só com a religião. **(Vidas Vencidas)**

A cartografia de afetos de Maria Ondina Braga, em especial da cidade onde nasceu, não pode deixar de incluir espaços simbólicos como o Sameiro ou o Bom Jesus. Dois santuários não apenas religiosos, mas também naturais. Dois pulmões verdes, além de pontos privilegiados de vista sobre a cidade. De resto, é ao telescópio do Bom Jesus, oferecendo ao visitante uma vista panorâmica sobre a cidade, que ficou a dever-se a expressão idiomática “ver Braga por um canudo”.

A caminho do Sameiro, a Estação Arqueológica de Santa Marta das Cortiças, no alto do Monte da Falperra, vale bem uma paragem, apesar do abandono em que (ainda) se encontra. Aí convivem, paredes meas com a Capela de **Santa Marta das Cortiças**, vestígios de épocas diferentes, distantes entre si. Desde os restos de um povoado castrejo da Idade do Bronze, de um castelo roqueiro medieval, ao que se supõe ser um palácio suevo e de uma basílica paleo-cristã porventura erguida entre os séculos V e VI d.C. apresentando, segundo os arqueólogos, um modelo de arquitetura muito semelhante ao da Síria que se teria expandido pelo Norte de África e daí migrado para a Península Ibérica. Talvez por causa desta acumulação de tempos “pagãos” e do inexplicável dessa presença e desaparecimento, o espaço tenha alimentado uma série de superstições e de narrativas populares que estimulam a imaginação de Ondina:

Trovejava. O Senhor a ralar. Não. São Pedro a arrastar os trastes lá em cima. Mais respeito. Trovada não era nenhuma brincadeira. Então o que era, minha mãe? Não se sabia. Coisa de mistério. (...)

Afastado finalmente o perigo das faíscas, dos raios, dos coriscos, sossegavam, as mulheres. Bebiam mais chá. Recordavam, tristes, casos como aquele, dois anos atrás: um pastor fulminado em Santa Marta das Cortiças. **(A Filha do Juramento)**

“...a amá-la por ela falar para nós, só para nós, nas congostas do campo...”



Um pouco mais à frente, perfeitamente enquadrada na moldura florestal, fica a Igreja de **Santa Maria Madalena da Falperra** (também conhecida como Igreja ou Santuário da Falperra), um dos mais representativos exemplares do barroco-rococó. A igreja, datada do século XVIII, é um projeto do arquiteto André Soares, encomendado pelo arcebispo D. Rodrigo de Moura Teles, realçado pela relação arquitetónica que estabelece com o antigo convento do Varatojo e a Capela de Santa Marta do Leão, do lado oposto. Mas o que mais impressiona o olhar de Maria Ondina são os ex-votos de cera deixados pelos fiéis e peregrinos na capelinha de Santa Maria Madalena, popularmente chamada de “Nicho”. Especialmente as tranças de cabelo, uma imagem recorrente na ficção da escritora:

Ex-votos de tranças com fitas de seda no altar do Bom Jesus do Monte, na Capela de Santa Maria Madalena da Falperra. Tranças traçadas do tempo e do pó que mais pareciam meadas de estopa ou torcidas de candeeiro.

(Vidas Vencidas)

Ondina evoca os passeios familiares ao Bom Jesus e ao Sameiro, bem como as histórias e as imagens que eles convocam. Entre elas, o momento em que a imagem de Nossa Senhora de Fátima vem em romagem ao Santuário do Sameiro e as duas Senhoras se confrontam, tendo como cenário de fundo a guerra colonial, momento em que a religiosidade minhota cede lugar ao orgulho “bairrista”:

Conquanto ciosos dos seus santos, os minhotos, que, na visita da Senhora de Fátima Peregrina à cidade de Braga, os brados pelas ruas: «A nossa é mais linda! A nossa é mais linda!» A do Sameiro, claro, imagem grande ao pé da de Fátima, além de não ter vindo de uma cova mas sim da crista de um monte, e coroada de jóias. Essa Salve Rainha a quem as mães minhotas ofereciam os brincos, por Ela ter posto fim à guerra de África. E mais ainda uma ou outra a jurar que, depois da Senhora do Sameiro, o general Spínola!

(Vidas Vencidas)

A relação de Maria Ondina com o **Bom Jesus** é, porém, muito mais próxima, muito mais íntima. Em primeiro lugar, porque o santuário se confunde com a memória do pai, escriturário nos hotéis do Bom Jesus:

Noites estivais em que o marido vinha no último elétrico, da escrituração nos hotéis do Bom Jesus. Bonito, o marido, pele branca, olhos verdes, e um tanto ou quanto alentado, pelo que, na estação quente, apartavam os leitões. (...) Romântico, meu pai, mais que religioso. Romântico, malgrado o seu ofício de conferir as fortunas dos cofres alheios: desde os vinte e poucos anos a queimar as pestanas no Deve e Haver das sociedades anónimas, por quotas, e de comandita, da cidade comercial e capitalista. Isto apesar da sua apavorada paixão pelas artes plásticas. **(Vidas Vencidas)**

O amor pelas plantas (e pela natureza) é uma herança do pai cuja imagem a escritora associa ao horto do Bom Jesus, espécie de jardim secreto, hoje desaparecido:

*De regresso do trabalho, direto ao jardim, meu pai, a colher o cravo que prendia da lapela e a folhinha de alfádega atrás da orelha. Já na gaveta da escrivaninha, em caixinhas de charutos, guardava ele as sementes que trazia do horto do Bom Jesus do Monte: cosmos, sécias, botões-de-ouro, miosótis. E martírios. E amores-perfeitos. As begónias davam-se era debaixo da claraboia e na sala das visitas. Dedos verdes, meu pai. Dedos da cor dos olhos. **(Vidas Vencidas)***

O Bom Jesus é também, para a escritora, a memória de D. Sarah, o lado oculto do santuário: a hóspede do Hotel Francfort, médium das sessões espíritas do Solar dos Castelos, que estimula a curiosidade de Ondina. E muito especialmente, a memória de Glória, companheira de inesquecíveis passeios ao Bom Jesus e ao **Sameiro**: a tia contadora de histórias que será determinante para o despertar da vocação da escrita em Maria Ondina, tem o condão de transformar um passeio de coche até ao Sameiro, sob uma trovoada repentina, numa viagem imaginária pela Amazónia:

A surpresa, todavia, no sopé da montanha, com a velha vitória, o cocheiro de cabeleira de lunático, a parelha de duas pilecas. Chovia mais ao iniciarmos a viagem do Bom Jesus para o Sameiro. Metido numa capa de oleado branco, o cocheiro, uma abantesma: uma alma penada? Ploc-ploc, monte acima, uma hora, hora e meia, quando, aí por maio, montados num jerico, metade do tempo. Ah, mas a gostosura daquela demora! Dormitávamos, até. Que os bancos do coche, se bem que afundados, a coçada pele de lobo a aquecer-nos as pernas. Plim-plim, chuva grossa nas janelinhas de

*mica branca desgastada. Bem podia cair ali um raio que não nos mataria, afirmava a tia a desfiar o rosário. Ficávamos sem saber se a salvação nos viria do vidro de moscóvia, se da reza dela, mas acreditávamos de alma e coração. E então Glória a contar das suas andanças pelas terras do Brasil: florestas povoadas de macacos e de cobras, rios tão largos e tão caudalosos que, a meio da corrente, nem margens se viam, os olhos bugalhudos dos crocodilos à tona de água como binóculos. Rum...um...um... Trovões ao longe, seguidos de uma bâtega. São Jerónimo! Santa Bárbara Virgem! Que aquilo não era nada. **(Vidas Vencidas)***

Mandado edificar pelo arcebispo D. Rodrigo de Moura Teles, no século XVIII, sobre os restos de uma antiga ermida do século XIV, o Santuário do Bom Jesus foi declarado Património Mundial da Humanidade pela Unesco em 7 de Julho de 2019. Para lá do significado religioso e arquitetónico, o Bom Jesus é, para Maria Ondina, paisagem natural, memória verde das pedras, escrita de água que faz do escadório um autêntico “poema mineral”. Ao olhar da escritora, o Bom Jesus é exaltação dos sentidos, o avesso do percurso ascensional e espiritual do barroco, de despojamento humano como condição de revelação do divino e comunhão com o *logos* que as fontes dos cinco sentidos representam.

“...meu pai, a colher o cravo que prendia da lapela e a folhinha de alfádega atrás...”

Maria Ondina vê antes no escadório do Bom Jesus um percurso descensional, de regresso à terra; afinal de contas, o percurso escrito a água pelo velho **funicular** do século XIX, na sua vertiginosa descida. (Note-se que o funicular do Bom Jesus foi o primeiro a funcionar com um sistema de contrapeso de água na Península Ibérica, sendo hoje o mais antigo exemplar ainda em funcionamento no mundo). Descer o Bom Jesus é, assim, um simbólico regressar à respiração da terra, ao húmus fértil e ao humano.

O Bom Jesus é o acordar das sensações, do imaginário, de um desejo de escrita que traz à memória de Ondina os romances de Camilo:

*O Bom Jesus. Pedra a delir em água. Desce-se o escadório. Cheira a algas, a linfa, a Génesis. De bocas, de olhos, de mãos de granito, nascem fontes límpidas e frias: um poema mineral! O Bom-Jesus traz Camilo: sombras, grutas, musgos, amores. A buganvília e as pombas trazem os romances franceses do século dezanove (**Estátua de Sal**)*

A memória de Camilo vagueando por entre as “carvalheiras”, o cerrado “arvoredo da mãe-d’água”, o lago e as sequóias centenárias, escrevendo *No Bom Jesus do Monte* “as grandes árvores, as sombras escuras, os penhascos musgosos” é bem vívida em Ondina, sua leitora desde muito jovem. Esta é “A Montanha Sagrada” que se tornará um lugar de romagem para Camilo e Ana Plácido. Depois de duas décadas de lá terem estado, em 1858, o romancista confia a um amigo:

«Estive no Bom Jesus dez minutos: mas foi o bastante para que a Europa me contemplasse. As dores que então sentia eram tamanhas que apenas me sustinha amarrado ao braço de Ana Plácido. Fomos lá, porque vamos todos os anos, no dia 14 de Junho, ver a inicial que eu ali abri numa árvore há vinte anos». (vol. 2 das Obras Completas, Biografias no Feminino, IN- Imprensa Nacional, 2023).

O **cantinho de Camilo** ainda lá está, escondido sob as árvores e as sombras, no terreno do espaço que pertence hoje ao Salão de Chá e Colunata de Eventos do Bom Jesus, da autoria de Raul Lino. E as árvores desta Sintra do norte também lá estão, a merecer identificação e um percurso pedagógico que as dê a conhecer aos habitantes da cidade e ao crescente número de visitantes que diariamente procuram o santuário.

Ver o Bom Jesus é um modo de ver a terra que a escritora afirma ser a razão da sua escrita: “Eu vim para ver a terra” é a sua declaração de princípio e o título do seu primeiro livro, publicado em 1965 (livro revisto, ampliado e publicado em 1994, sob o título *Passagem do Cabo*). Ver a terra significa compreendê-la como um espaço sagrado, estar nela como num santuário ou jardim original:

Eu vim para ver a terra. (...) Como se tornasse ao princípio de mim. Ao princípio do mundo. Lá onde Deus criou o homem e o pôs no Jardim do Éden que tinha ao centro a árvore da vida. (Passagem do Cabo)

Para Maria Ondina, o Bom Jesus são as árvores, as fontes, e o lago, o húmus, os animais, a vida. A sua escrita denota uma consciência ecológica e ambiental invulgar para o seu tempo, uma visão ecocêntrica para a qual certamente confluíram várias referências culturais, dos antigos cultos pagãos ao cristianismo passando pelo taoísmo. E esse ecocentrismo, a par do registo etnográfico, memorialístico, intimista ou autobiográfico ou mais rigorosamente autoficcional fazem avultar ainda mais a dimensão multicultural da sua escrita. Porque nela o local ou o particular são afinal um modo mais próximo de ver a terra.

“Como se tornasse ao princípio de mim.
Ao princípio do mundo.”



DESCOBRIR O MINHO COM
MARIA ONDINA BRAGA

CAMINHOS DO NORTE

Da escritora andarilha dotada de confessados horizontes multiculturais, que calcorreou vários países e continentes do mundo, esperava-se naturalmente que também percorresse com gosto e curiosidade a região do Minho, próxima da sua cidade natal. Pode dizer-se que, na sua congenial alma de viajante, Maria Ondina Braga transformou-se como mulher e enriqueceu a sua escrita nessas múltiplas viagens que empreendeu. Por outras palavras, no norte de Portugal, foram muitos os lugares que marcaram o seu espírito, enquanto espaços de devaneio, mas sobretudo como espaços de inspiração, vários deles dotados de uma certa aura mítica.

Assim, ganham um valor simbólico na escrita de Maria Ondina Braga as referências pormenorizadas a estradas ou linhas de comboio, ligando Braga a outras localidades mais ou menos próximas, nesse constante apelo da viagem que perpassa a sua escrita autoficcional. Esse é o caso da ligação entre Braga e o Porto, descrita com uma pena traída pelo colorido e pela dimensão sensorial dos vários elementos, como se pode ler neste verdadeiro *travelling* cinematográfico de *Estátua de Sal*:

A estrada de Braga ao Porto ficou-me de cor. Quando íamos de comboio, em Gavião entrava o ceguinho. Vinha com ele o fado desafinado até à próxima paragem. Eu gostava mais do comboio. Dava a impressão de uma viagem mais importante. Não cheirava a óleos nem a gasolina. E, já ao chegar ao túnel, o gosto mineral do carvão na garganta, a sombra que invadia as carruagens, o silêncio que se levantava, tinham o seu quê de romântico. Correndo a nosso lado, qual sonho de febre, os muros caídos das quintas e dos quintais, tufos de trepadeira, roupa a secar, medas crestadas do tempo e aureoladas de pardais. Tudo a fugir para longe, ou nós a fugir de tudo, na eterna confusão dos versos de Catulo. (Estátua de Sal)

Para a escritora-viajante, importa gravar toda a riqueza da cena reiterada da viagem, quer a diversidade dos elementos da paisagem e do próprio transporte, quer sobretudo a vivacidade antropológica dos passageiros que também viajavam. Nesse olhar profundamente humano, interessam-lhe pormenores que revelam perfis e psicologias, aspetos aparentemente menores que indiciam atmosferas, mundividências ou mundos ora realistas, ora imaginados, enriquecendo uma memória ávida e emocionada perante a vida que dinamicamente perceciona diante dos seus olhos:

Nas vilas, as feiras. As barracas de carne de porco na Trofa. Às vezes, um circo. O verão sempre desfazia a terra que ficava branca, exausta, fêmea de parto. Os adros das igrejas, áridos de sol ou musgientos da invernia. Era agora a camioneta. O “chauffeur” descobria-se. Um mendigo formal, de bordão e sacola, vinha estender a mão aos passageiros. Casas boas, paredes de ladrilho, varandas fechadas, portões de ferro. Ficava-se a cismar no que seria uma vida inteira ali, nessas vilzinhas de presépio, entre a igreja e o café, a mercearia e o barbeiro. Ressuscitavam os romances de Camilo – amores infelizes, casamentos de conveniência, paixões assolapadas, e traições, bruxas, tiros.

Por fim, a cidade. Transia-me um calafrio. Não mais a divagação, os caprichos da memória. Necessário despertar para o verdadeiro das ruas, atender ao tráfico, às horas, à civilização.

São Bento. Aquele requinte de azulejos, capricho, irónico, na pesada, suja estação. Nunca ninguém a esperar-me. (Estátua de Sal)

Como sugerido, este trajeto de comboio pela linha do norte mostra-se muito revelador, quer do interesse da escritora pela paisagem natural e humana da região, quer da sua insaciável curiosidade por um certo Minho de recorte camiliano. O interesse por este filão temático reaparece em outros textos de Maria Ondina Braga, como na novela “A Fuga” do livro *Os Rostos de Jano*; ou numa passagem de *Estátua de Sal*, em que descreve viagem de comboio de N’Dalatando a Malanje (Angola), onde a leitura de *A Brasileira de Prazins* desperta um riso incontrolável que irá contagiar todos os companheiros de viagem.

Nestas e em outras passagens da escritora, deparamos com o impressionante desenho de um país rural, com atenção ao quotidiano das vidas prosaicas das gentes do Minho, entrevistas apressadamente, através dos vidros da janela do comboio. São memórias vivas de um certo tempo passado, indelevelmente marcado por práticas sociais e por hábitos antiquíssimos, um tempo bem próximo das raízes e do pulsar da natureza.

A referência ondianiana a Camilo não é por acaso, como veremos adiante – o escritor viveu grande parte da sua vida em pleno coração do Minho, em S. Miguel de Seide (Famalicão), inspirando-se abundantemente nesta paisagem natural e humana. Aliás, o famoso escritor Miguel de Unamuno, em *Por Tierras de Portugal y España*, observou que não era possível viajar pelo norte de Portugal sem levar as obras de Camilo como guia e imprescindível companhia.

O mundo e o tempo descritos e imaginados por Maria Ondina Braga estão de algum modo próximos, animicamente, desse imaginário de dramas, paixões, traições e mistérios, que, bem o sabemos, inspiraram a imaginação de Camilo. E este escritor maior foi, desde a infância e adolescência, uma companhia predileta de Ondina na viagem da vida.

Enfim, pelo afirmado, a estrada Braga-Porto ou a linha de caminho de ferro (para viagem de camioneta ou de comboio) é assim um marco revelador, um limiar simbólico, espécie de linha de fronteira entre o país primordial e a civilização mais atual, entre a “estaçãozinha mal iluminada de Braga” e a “pesada, suja, estação” de São Bento, de que apenas se salva o inesperado e caprichoso “requite de azulejos”.

“...arvoredos, lembrando monumentos votivos à memória de ancestrais...”

São Bento, no Porto, é afinal a gare que conduzirá a escritora aos demais comboios do mundo. Mas isso é assunto para outras viagens e outros roteiros, que não o presente. A nós interessa-nos, primordialmente, as suas diversas andanças pelo Minho. Por isso, prossigamos esse caminho, seguindo as orientações da emocionada escritora-viajante.

Se esta ligação Braga-Porto revela à escritora e aos seus leitores-viajantes o **Minho camiliano** ou um país profundo e intemporal, isso é também particularmente visível nas tradicionais **romarias do Norte e do Minho** em particular. Oscilando entre o devoto e o pagão, é uma paisagem densamente povoada por várias capelas e ermidas, nichos e alminhas, construções espalhadas pelas estradas e caminhos, e, sobretudo, pelos montes e arvoredos, lembrando monumentos votivos à memória de ancestrais cultos proto-históricos, por um lado; e, por outro, reforçando o indisfarçável apelo do mistério, do sagrado ou do transcendente, tão visível na rica paisagem minhota.



Santuário da Senhora do Alívio.

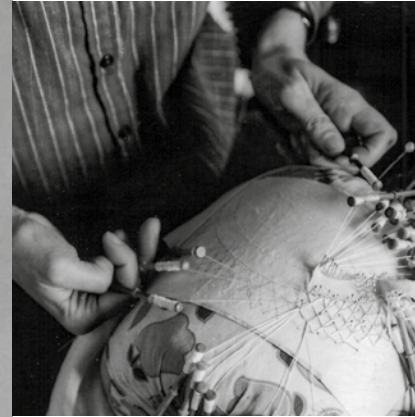


Cobras do Santuário da Senhora do Alívio

Essa atração pelo religioso, no amplo sentido do termo, perpassa a escrita de Maria Ondina Braga, desde as histórias e vivências do tempo da infância. Entre muitas outras recordações, envoltas em certo misticismo, recorde-se o modo como Ondina conhece a cobra embalsamada do Santuário da **Senhora do Alívio**, imagem que lhe evoca a jararaca morta pela tia na fazenda do Brasil. Ou também a forma como percebe o “outro lado” da **Póvoa do Varzim**, com a sua funda religiosidade de cidade piscatória, ultrapassando a exterioridade da Avenida dos Banhos da mais popular estância balnear nortenha.



Maria Ondina e família em A-Ver-o-Mar/Póvoa do Varzim, 1964.



Rolo de bilros de Maria Ondina.

Em termos de memórias, do tio e do pai, fica-lhe a imagem da varanda onde ambos contemplavam deliciosamente:

*paquetes ingleses. Transatlânticos. Petroleiros quando tal. Além dos nossos vapores de carreira para as colónias. Com o binóculo, claro. (...) Um miradouro sobre a imensidão das águas e areias e dunas até **A-Ver-o-Mar**. Já sem falar do esplendor do pôr do Sol. E o retorno das lanchas e traineiras, ao entardecer, o marulho das vagas, o cheiro fresco da maresia. (**Vidas Vencidas**)*

Nessa memória afetiva permaneceram também as imagens do **café Guarda-Sol**, na popular marginal poveira; e do cinema, onde os seus pais viam filmes portugueses e também os de Charlie Chaplin. **Vila do Conde**, mais a sul e aristocrática, rivalizava como destino de férias, com a música das rendilheiras, mas sem os “barquilhos” que deliciavam a criançada:

*Quem passasse um mês a banhos na **Póvoa**, de certeza que, ao menos uma vez, tinha de ir a **Vila do Conde**. A maior parte das pessoas atraídas pela farta feira semanal e os pastéis das monjas do **Mosteiro de Santa Clara**. (**Vidas Vencidas**)*

*Meu tio, esse percorria os três quilómetros a pé, não apenas porque caminhar era um exercício saudável, como para apreciar os monumentos da ilustre vila e a barra do **rio Ave**.*

***Vila do Conde** – que ainda hoje não se sabe qual o titular que lhe dera o título – nessa altura, todavia, terra de nobreza, **Vila do Conde**. Fidalgos, lá, com casas boas e herdades solarengas, os donos da praia, por assim dizer. Uma praia, no entanto, despovoada. Meia dúzia de crianças, enroupadas, ao cuidado das amas. Um elegante cavalheiro a passear o seu cocker spaniel. E, quando tal, uma bilreira de mãos aladas, ao jeito de quem tocasse martelinhos: para tomar os ares, a moça, ou simplesmente para se encontrar com algum marinheiro de águas doces?*

*Praia que nem praia parecia, **Vila do Conde**. Sem banheiro. Sem barquilhos. (**Vidas Vencidas**)*



Pormenor da praia (Apúlia).

A paisagem natural e humana de **A-Ver-o-Mar** atraiu outros escritores como Luísa Dacosta. Rumo a norte, seguindo de **Vila do Conde** e **Póvoa** pelo litoral, impõe-se uma paragem na vila da **Apúlia**, paisagem mítica para Ondina.

Para a escritora, de facto, num olhar mágico, o cenário natural da **Apúlia**, com seu extenso areal e espaço de rochas, é um desses lugares “fora do mundo” que a encantam. Sobranceiros ao mar, destaca-se a sequência de moinhos, animados pela imaginação de Ondina, num cenário ora maravilhoso, ora pastoril – os moinhos de D. Quixote “esbracejam ao vento”, os pinhais escondem lobisomens e as vacas pastam sargaços.

Por outras palavras, o olhar da escritora não se fixa tanto na beleza da praia da Apúlia – tendo a sul o pontão e a foz da Ribeira da Fonte da Senhora –, mas antes nas gentes e nas vidas umbilicalmente ligadas ao mar. À vibrátil visão de Ondina, atraem-na sobretudo aqueles “homens que, lá pela noite, iam buscar o pilado que, depois, os carros de bois carregavam, a chiar, para adubo das terras”. Muito antes dos atuais discursos sobre ecologia e sustentabilidade, a sabedoria ancestral praticava-os numa economia verdadeiramente circular.



Para a viajada e observadora Ondina, **Apúlia** é terra de memória e de gestos ancestrais. Os inesquecíveis movimentos dos sargaceiros e de uma antiga faina hoje desaparecida, a da apanha do caranguejo pilado cuja decomposição se destinava fertilizar a terra, imagens bem identitárias de um tempo e de um lugar. Estas e outras tradições são hoje imortalizadas no recente Museu do Sargaço, ocupando a antiga Escola Primária de Areia.

Na escrita de Ondina, vida e morte manifestam-se intimamente ligadas. Tal como íntima é a relação entre escrita e memória etnográfica, convocada pelo cenário “selvagem” do litoral entre **Apúlia** e **Esposende**, incluindo a paisagem única, entre rio e mar, da “restinga de Ofir”. Ora, convém observar que **Apúlia** é topónimo que parece dever a sua origem às semelhanças que os romanos aqui encontraram com determinadas construções de Puglia, na Itália, oriundas de remotos tempos celtas.

Para o ponto de vista impressionável de Ondina, neste cenário de recorte lendário, destaca-se o lugar mágico das Pedrinhas, com os seus “barcos de pedra” ancorados nas dunas. Estão aqui desde os tempos imemoriais em que os vikings (em particular, os normandos) andaram por esta costa. Neste lugar, esses ancestrais enterraram os seus mortos, assinalando as sepulturas com pedras dispostas em formato oval (provável origem do nome deste local) ou aqui fundearam as suas embarcações.

Para nossa admiração (e da escritora), hoje localizadas na Av. Marginal Cedovém (mais latamente, entre Ofir e Apúlia), as **casas-barco** mais antigas do mundo ocidental constituem a memória viva da passagem destes povos por estas terras. Como facilmente se pode constatar, é possível ainda hoje detetar a cobertura com a quilha em V do casco de um barco, desenho a partir do qual foram construídas estas casas.

Por conseguinte, para a escritora-viajante, são imagens poderosas, grávidas de História e de lenda: barcos nas dunas da memória, estas casas remetem-nos para histórias de marinheiros e de viagens, a seu modo histórias também escritas na página em branco do areal, na caligrafia incerta dos ventos destas encantatórias paragens.



É também essa paisagem primitiva, de recorte oceânico, que Ondina encontra nas **Marinhas**, nome originário de “marinha”, ligado à extração salineira. É esta zona ribeirinha da foz do Cávado – com os moinhos de Abelheira e o forte de S. João Batista – que serve de cenário ao belíssimo conto de Maria Ondina Braga, intitulado “Uma história das Marinhas” de Maria Ondina Braga, perpassado de imagens poéticas, plenas de vitalidade, transmitindo-nos, sensorial e impressionantemente, a mágica beleza do lugar:

Uma História das Marinhas

Quando esta manhã, ao acordar, ouvi a chuva, pensei nas Marinhas. Verdadeiramente cheirei a chuva antes de a ouvir. Em Lisboa, se chove, há um vago cheiro a mar. Mas o mar que então me veio à ideia não era o de Lisboa, era o das Marinhas.

Meados de Julho. Na casa da quinta, ninguém pregou olho aquela noite. Rebeca a grande vaca turina, ia ter um bezerro. O senhor Abel, na palha ao pé do animal, afagava-lhe o pêlo com estranhas palavras de amor. Desusadamente caladas, as mulheres caminhavam de manso, indo de onde em onde à eira consultar o céu. E a avó, muito velha, mãos cruzadas de rugas como redes de-pesca, acendia velas à Senhora da Boa Hora. A praia ficava ali defronte, longa e larga, com dunas a sugerir pilhas de ossos ao luar.

Ficava defronte a praia, e o gemido do mar juntava-se ao do bicho. Por momentos imaginei o mar a parir. O novilho a sair das ondas verdes. Tinham cabelos desatados e colo de vidro, as ondas. E o touro, pálido e húmido do parto, bem podia ser um deus de sal. Bíblica ou mitológica, a cena?

A vaca chamava-se Rebeca. O lavrador Abel. A moça pastora, que ainda na véspera levava o animal a pascor o musgo dos penedos, montava um burrinho, como Nossa Senhora.

A noite, contudo, era pagã. A noite, o mar, o odor do estábulo, o choro lúbrico da vaca e das ondas.

Fiquei assim com uma história para contar.

Quem saberá das Marinhas?

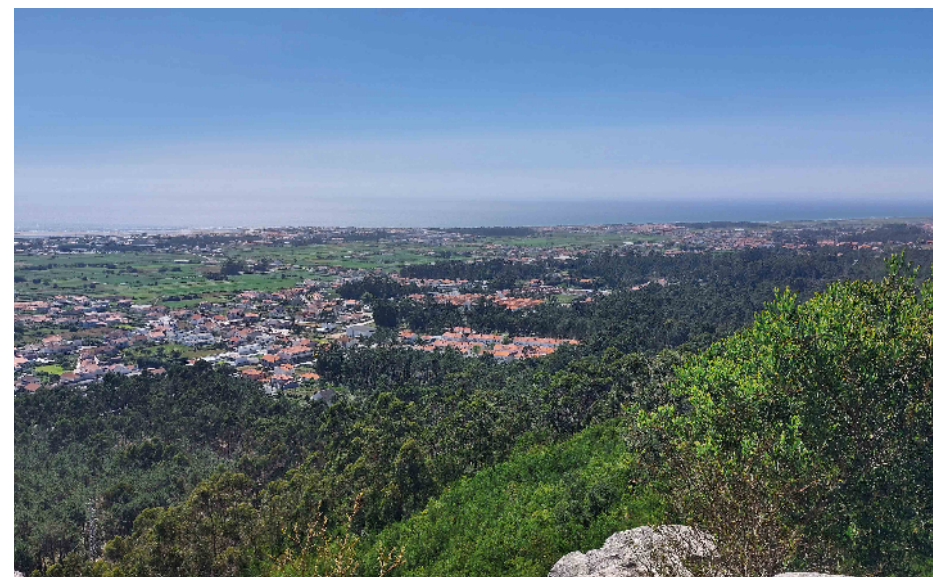
A gente do mundo sabe só do mundo. Pessoas que, vivendo de usos, de recursos, de certezas, precisam de estradas sinalizadas e de jornais da manhã. E as Marinhas é fora do mundo.



Chega-se lá por caminhos poeirentos, de trilho incerto, onde automóveis recuam para deixar passar manadas. Lá, como os de Dom Quixote, os moinhos ainda esbracejam ao vento e moem grão. Lá, o gado pasta os sargaços do mar (brancos e pretos os animais-frutos do amor entre a terra e a água?), o povo fala uma fala antiga, e no pinhal há de certeza lobisomens.

*A minha história tinha de ser portanto uma história primitiva. A vaca e o mar a darem à luz juntamente, a gemerem ambos em dores de parto. A noite salina, alva de luar e de areia, a idear monstros, medos e milagres. Supersticiosos, os homens perscrutando os astros e queimando cera aos santos. E a Lua que guarda o tempo da gestação, a Lua redonda, cheia como um ventre, a engenhar o destino das criaturas. **(A Revolta das Palavras)***

Paisagem mítica a enquadrar uma história primitiva, união dos elementos, terra e água, a lua “cheia como um ventre”. Planície fértil que pode ser avistada em toda a sua extensão a partir do alto da arriba fóssil, do penhasco rochoso de Monte de Faro, lugar também ele celebrado e imortalizado por uma escritora como Agustina Bessa-Luís, amiga de Maria Ondina. Do miradouro de Monte de Faro se pode contemplar o estuário do rio Cávado e toda a costa atlântica entre Póvoa de Varzim e as Marinhas.





Ladeando o litoral em direção ao norte, alcançamos a luminosa cidade de **Viana do Castelo**. Cidade dos corações de filigrana, o coração de Viana de Castelo, surgido no século XVIII em Portugal com o culto ao Sagrado Coração de Jesus, tornou-se um símbolo identitário do país e um ícone reconhecido em todo o mundo da arte da ourivesaria portuguesa (além dos bordados da região). Para este reconhecimento muito terá contribuído a popular Romaria da Senhora da Agonia, onde os corações dos colares de ouro que as mulheres de Viana exibem ao peito se converteram num adereço indispensável e um dos principais focos de atração turística. Misto de religiosidade e sentimentalidade, também Maria Ondina Braga poderia dizer, com o poeta Pedro Homem de Mello, “Havemos de ir a Viana”. Na cartografia da autora, em pleno Alto Minho, Viana é lugar de carga afetiva e amorosa, desde logo por ter sido o lugar escolhido para lua de mel dos seus pais:

A lua-de-mel foi em Viana do Castelo. Moda, nessa época, para a pequena burguesia de Braga, viagens de núpcias assim. Viana pelo seu rio e a ponte de dois tabuleiros, obra do famoso Eiffel que construíra na capital de França a torre mais alta do mundo. Pelo rio, pela ponte, e os barcos e as velas, e peixe fino e fresco nas hospedarias. Também pelo miradouro do Monte de Santa Luzia donde se avistavam recortadas e claras praias, e que se alcançava por funicular.

*Três dias mais tarde, como chegassem a Viana notícias do irmão de Ana, de cama, com febres feias, foi o final da festa. Regressaram os noivos numa madrugada fria, após o dejejum de chocolate espanhol à luz de acetileno – no hotelzinho sobre o rio, o gerador eléctrico entrava em actividade depois das oito da manhã. **(Vidas Vencidas)***



Vista panorâmica da foz do Lima.
Foto de Amândio Sousa Vieira.



Capital de distrito e, sobretudo, estância turística bastante em voga nessa época, Viana singulariza-se igualmente pela deslumbrante beleza da sua paisagem natural. Visão privilegiada que o miradouro do santuário do Sagrado Coração de Jesus, no alto do Monte de Santa Luzia (inspirado na basílica parisiense do Sacré-Cœur), coloca ao alcance dos olhos do visitante: do elevador ou funicular, do colorido casario da cidade, da Senhora da Agonia, do Forte de Santiago, do porto da Barra, da foz do Lima, das praias litorais, sem esquecer a arrojada modernidade que a ponte dupla – dotada de dois tabuleiros, um rodoviário e outro ferroviário –, com assinatura de Gustave Eiffel (1878) representa, símbolo da arquitetura de ferro em Portugal.



Festas da Senhora da Agonia. Foto de Amândio Sousa Vieira.



Nesta sequência geográfica em direção ao Norte, o **farol de Montedor**, na freguesia de **Carreço**, é também um lugar de afeto para Ondina. É o farol mais a norte de Portugal, datado de 1910, construído em cantaria de granito, em que se destaca uma torre quadrangular, com um edifício fronteiro em forma de U.

Também por aqui, entre pinheiros, teve a sua casa “Sargaço” (projeto arquitetónico do seu primo João Andresen) um extraordinário escritor português do séc. XX, Ruben A. [Andresen Leitão], o autor de *A Torre de Barbela*: “Pela manhã, acordo cheio de luz, fico suspenso, espilro sem névoa, promovo o dia. Manhãs puras, transparentes como só aqui no Alto Minho” (*Páginas*, VI). Em fotografias memoráveis, podemos confirmar a presença nesse espaço de Ruben, de figuras como Ruy Cinatti, Ruy Leitão e Menez, Isabel da Nóbrega, João Gaspar Simões, entre outros amigos (cf. Liberto Cruz *et alii*, *O Mundo de Ruben A.*, 2ª ed., 2001).



Mordoma das Festas da Srª da Agonia (Viana). Foto de José Rocha.

No caso de Ondina, o farol de Montedor enquanto lugar de afeto acontece sobretudo pelas histórias lendárias e rituais ancestrais que envolvem esta construção, entre eles, a história de uma traineira desaparecida durante semanas, que dá lugar a um curioso conto da escritora:

Um Lugar à Beira-Mágoa

Olho, inquieta, no tanque; a minha imagem movediça.

O Doutor Fausto de Goethe «perdeu o seu duplo» quando firmou um pacto com o Diabo. Não voltou a ter sombra e nunca mais os espelhos e a superfície das águas lhe reflectiram a figura.

Os povos antigos prediziam o futuro em água a ferver ou nas nascentes dos rios. Em certas regiões ainda hoje a fonte, de noite, é lugar de mistério. A Escócia mantém formalmente os seus monstros e fantasmas lacustres. Na adivinhação chinesa há uma ablução antes e depois de cada profecia - semelhante à liturgia cristã: Ora, sus, venha água às mãos. Segundo a superstição popular, sonhar com águas turvas é sinal de desgraça.

Atributo de pureza, a água conserva algo das forças ocultas da magia e da religião. Hidromancia. Água lustral. Água benta.

Mas é ao mesmo tempo bênção e maldição. «O infeliz não tem quem lhe dê uma sede de água!» Presos postos a pão e água. No Ramadão, o jejum maometano só é quebrado pela água. O raivoso sofre de hidrofobia. Água sinónimo de qualidade, como nas pedras preciosas: «sentimentos da melhor água».

Uma vez era junto ao mar. Pescadores. – Que comem no Inverno se não podem pescar? – Água fervida com alhos. Às mães secava-se-lhes o leite dos peitos e as crianças chupavam biberões de água açucarada, aquecida, negra do fumo da lareira. Meses a fio, os bravos a arrancarem às águas – Deus sabe com que trabalho! – sustento para milhares, milhões de criaturas, e súbito as vagas a virar-lhes o barco, a família sumida na miséria, o espectro da morte a fitá-los. Invocavam a Virgem da Bonança, Nossa Senhora do Mar. Chovia. Ventava. A água entrava-lhes em casa, ia-lhes à cama. Esgotava-se na salgadeira o último naco de carne de toninha. Os velhos tolhidos de reumatismo ficavam entrevados ou entregavam a alma ao Criador. Os homens enchiam o cachimbo de algas secas, de barba de milho. As mulheres arrepelavam os cabelos, de faces lavadas em lágrimas. Um lugar à beira da água. Marinhas? A Ver-o-Mar? A igreja à cunha, novenas, via sacra. A beira-mágoa do poeta. O abismo do desespero. A água viva da fé.

Invernos inteiros. Perdida uma traineira durante semanas. O rugido das ondas no paredão fazendo coro com as carpideiras.

Na casa do faroleiro, enquanto a bruma lá fora – afogava o olho de luz

(Ai Montedor! Ai monte de tantas dores!), a feiticeira do sítio decifrava o destino dos mareantes num alguidar cheio de água – água que não podia ser lançada à terra nem consumida por ser humano ou animal. Sagrada. Santa. E naquele alguidar (da fundura do oceano?) os alentes pescadores a debaterem-se com a fúria dos elementos. A bruxa suave frio. E as pessoas que assistiam à prática mágica desmaiando de emoção – ou de fome?

(A Revolta das Palavras)

Também **Vila Praia de Âncora** integrou o roteiro dos passeios da escritora. Em carta inédita ao vimaranense Dr. Santos Simões (de 27 junho de 1973), Ondina informa o seu interlocutor das suas férias de verão no litoral do Alto Minho, ao mesmo tempo que nos dá conta da amizade existente entre várias figuras da Cultura do Norte e das respectivas formas de sociabilidade: “(...) vou para cima nos fins de julho, para passar 15 dias em Âncora – praia em Agosto. Ao passar por Braga comunico com o Vítor [Sá]. Talvez nos encontremos lá também.”

Continuando a viagem, para Maria Ondina Braga, às portas da vila de Caminha e perto da foz do rio Minho, com vista para a Galiza, **Moledo** é um dos sítios de eleição, lugar secreto ao qual a escritora regressa na época estival. Dele nos deixa um testemunho íntimo numa carta escrita da “Pensão Ideal”, onde costumava ficar nos tempos de infância:



Pensão em Moledo, 1971.

*Cheguei esta tarde a **Moledo**. (...) Tu nem calculas como isto é sossegado. Uma grande praia deserta, larga, branca, com um mar que geme. De volta, pinhais, o Monte de Santa Tecla ao fundo, já Espanha, o ilhéu que de tantos anos ganha um istmo e se pode alcançar a pé enxuto. (...) [A]portar a **Moledo**, pacato e limpo, foi como aportar ao Paraíso. (...) estou a ficar enfeitiçada por este sossego, os caminhos de pedras brancas com plátanos, trepadeiras de folhas verdes e vermelhas, o **pinhal do Camarido**, as casas fechadas, compostas, em frente ao mar, o sol e a sua estrada de luz e de sons nas águas quase paradas. Penso que hei-de acabar a vida numa cabana ao pé do mar. E sempre a praia me pareceu melhor no outono. **(Carta a Jacinto Prado Coelho, Moledo, 1 de outubro 1971)***



Tal como Vila Praia de Âncora, **Moledo** é outro dos seus refúgios particulares, ainda mais bonito no outono, a estação preferida de Ondina para passar férias, acompanhada da tia Glória. Justamente a estação do ano em que Gabriela, personagem do conto “A Fuga” de *Os Rostos de Jano*, chega a Moledo para respirar os ares da liberdade conquistada com a viuvez.

Em Moledo, há a referência ocasional à Pensão Ideal, da D. Flora, onde Ondina Braga também ficava. Alguém chega a comparar esta pensão a uma outra – “parecia a de *As Férias do Sr. Hulot*, o filme do Jacques Tati”; particularizando a figura da D. Flora, “uma autoridade que metia medo” e que “não nos servia se não estivéssemos todos sentados à mesa exactamente à uma da tarde e às oito da noite”. Pelo que os habituais clientes da pensão obedeciam a D. Flora, sem hesitação. E o tempo aí passado gastava-se entre “almoçaradas, sextas, jantaradas, passeios à noite pela estrada quase até Caminha, conversas pela noite dentro”. (*Jornal “Público”, 11 de Agosto de 2008*).

A praia e o pinhal do Camarido integram o lugar escolhido para morar na sua nova vida, com vista para o rio Minho, o forte da Ínsua e o monte galego de Santa Tecla. A Moledo pode-se chegar de comboio, oriundo de Viana do Castelo, parando “em todas as estações e apeadeiros”, como anota a narrativa:

O comboio da linha do Norte era ronceiro e as carruagens de segunda desconfortáveis, mas, lá fora, que tempo lindo e morno! Paisagem muito calma, cansada talvez da fogsidade do Estio, saciada como mulher após o amor. Fechou os olhos. A paisagem sucedia-se diante dela, cor de palha e roxa. (...)

Gabriela pensou que não chegara a ver o Sol sumir-se no mar. Haviam-se metido montes e aquela gente com as suas vidas tão diferentes da dela. Vidas duras. Infelizes? Mas iam para casa todos. E ela? O coração apertou-se-lhe. Se a pensão não tivesse quarto disponível? Outubro... havia de ter. Quem vinha para a praia no Outono? Antes da emigração, só a gente da serra, de Castro Laboreiro, ao fim da apanha das cebolas. Uma família inteira num quarto. As mulheres tomavam banho de mar em camisa, às seis da manhã. Saíam da água como nuas. Começara a vir com o pai para esse lugarejo à beira-mar desde que a mãe deixara a casa. «Pensão Flávia». A dona da pensão era a cozinheira, e que cozinheira! Segava as nabijas para o esparregado numa mesa de pinho muito esfregada, à porta da cozinha. Mãos vermelhas, fortes, de homem. Asseio. Os quartos todos os

anos caiados e com água quente. Seria a mesma a dona da pensão? devia estar velha. Em volta gritavam-lhe. A gorda agarrava-a por um braço. – É já aqui. E olhe que o comboio não demora! Na estaçõzinha mal iluminada as primeiras pessoas que se lhe depararam foram dois moços hippies sentados no chão, de pernas estendidas, silenciosos, a olhar a noite. – Sabem onde é a Pensão Flávia? – Pensão Flávia? Fitavam-na dois rostos jovens e apáticos. Um deles, muito escuro, de cabelos compridos e lisos, semelhava um índio. Então um braço apontou em frente, com um chocalhar de pulseiras. Ah, sim, recordava-se. Perto do caminho de ferro. Da sala de jantar viam-se passar os comboios. Já cheirava a mar. Correu-a um frémito. Há quantos anos não vinha ali? Tinha tranças. O orgulho do pai nas suas tranças! Solitário, o pai a rever-se nela. Os passeios de barco no rio Minho. As merendas no pinhal. Os dois sozinhos. De entretida, ia passando a casa. «Pensão Flávia». Procurou a campainha que não existia. Empurrou o portão e entrou. D. Flávia, achacada de gota e mal do coração, já estava recolhida, mas Rita, a criada que veio receber Gabriela a meio da avenidazinha de hidrângeas, trataria de tudo, e não demorava porque havia sempre um quarto preparado. Enorme o quarto. Uma estirada da cama para o toucador e deste para o guarda-fatos. Começou a pendurar vestidos, a empilhar livros numa mesa defronte da janela. Trouxera muitos livros. Como se fosse para o deserto. E não era aquilo um deserto?

A narrativa de Ondina tem a virtude de captar, impressiva e sensorialmente, a atmosfera da praia de Modelo – as pessoas que frequentavam esta pequena praia, os espaços de sociabilidade como a pensão, os passeios e as merendas, a praia e as árvores, o longo pinhal do Camarido. **Moledo** é a nostálgica “praiazinha da sua adolescência”, o “lugar remoto onde uma vez o pai dissera que seria bom acabar”.

Buscando os tempos da Infância no Norte, a protagonista da história, envolta em memórias dolorosas, não consegue ficar indiferente ao ambiente da pequena pensão de Moledo. Antes de uma noite de descanso, e depois da longa viagem, servem-lhe chá com torradas, marmelada e queijo: “Os lençóis cheiravam a eucalipto. Logo que se levantasse iria à janela olhar o mar e a seguir daria um passeio até à mata. Haveria camarinhas em Outubro?” Todo o ambiente da pensão rescende aos velhos tempos da infância:

Despertou com a moça a trazer-lhe o pequeno-almoço. Era a única hóspede da pensão. Manteiga feita em casa. Bolo de nozes. D. Flávia, carrancuda como antigamente (ou acanhada?), cumprimentou-a à porta da cozinha,

apoiada a uma bengala. Mas ainda cozinhava; melhor, temperava a Comida. Quem se chegava ao fogão era Amélia, cuja irmã de nove anos havia de fazer companhia a Gabriela, na praia. Carolina, a irmã da cozinheira de D. Flávia, não tinha brinquedos, nunca tivera. De Cabeceiras de Basto. Doze irmãos. Brincava com pedrinhas, conchas, tampas de garrafas de cerveja. Viera para a praia por ser muito fraca, raquítica. (...)

Certo dia, em conversa com o senhor António, Gabriela sentiu vontade de abrir-se, de falar também de si. Os barcos pesqueiros que partiam da aldeia vizinha, ao fim da tarde, deixavam nas águas um caminho de espuma, e a essa hora o coração doía-lhe, como se aquele sulco fosse no seu peito. Claro que não chegaria a falar nem tinha de quê, mas perguntou-lhe se haveria perto da praia uma casinha à venda. Gostava de comprar. Casa? Ora, havia um chalé, e bonito, à borda do pinhal. Mas ganhara má fama. Um escritor que lá morava, estrangeiro, suicidara-se, anos atrás, e o povo dizia que o espírito do homem visitava a casa em noites de lua. Ele não acreditava, claro. Ainda há duas noites lhe passara à porta, com luar igual ao dia, e não vira nem ouvira nada. Mas a fama ninguém lha tirava. De outra casa não sabia. Os dias iam correndo, sossegados. Uma paz com há muito não se lembrava de gozar. A actividade rotineira de André, os ciúmes de Bruno, a sua própria inquietação, a vida agitada de Lisboa, o que eram à vista daquilo senão um inferno? Compreendia por que razão o pai escolhera esse lugar para distrair a dor da fuga da mulher. Fuga. Era então herança maternal. Só que, ao contrário da mãe, Gabriela fugira sozinha.

Moledo é, assim, sinónimo de praia e de arvoredo, de espaço privilegiado para uma fuga, buscando-se ali “o consolo dos dias de Outono à beira-mar!”. E quem conhece a escrita de Maria Ondina Braga sabe que o mar e as árvores são uma das paixões da escritora, como confessa nas páginas de um diário inédito, escrito a bordo do navio-cruzeiro *Infante Dom Henrique*, durante a viagem ao Brasil, em 1972: “O mar é a minha paixão na natureza. O mar e as árvores”.

Entre outros textos não publicados e manuscritos, deparamo-nos também com o poema numerado (VII), intitulado “Lírica no pinheiral”, de que extraímos apenas alguns versos iniciais: “Solta o vento o seu cântico de febre / e de vertigem, / e o pinheiral virgem / embala-se de ilusão. // Da cor do mel e do vinho / é a pruma seca do chão.” Em vários dos seus escritos, a autora reafirma o prazer de passear no pinhal, junto ao mar.



Ainda inédita é uma carta manuscrita, endereçada ao amado Jacinto Prado Coelho, datada de “Moledo do Minho (Pensão Ideal, 1 Out. 1971)”. Neste texto, Ondina Braga dá conta do início da sua breve estada na praia alto-minhota nestes termos, simultaneamente descritivos e intimistas:

“Meu querido:

Há quantos dias sem nos vermos nem dizermos nada. Cheguei esta tarde a Moledo. Fui à pensão, vesti calças e uma camisola de algodão e vim para a praia. Um desejo de ver o mar! E estou quase só na praia. Além de mim, no areal imenso, uma senhora e algumas crianças. Meus Deus, se tivesse mais dinheiro ficava aqui os meus 15 dias de férias. Tu nem calculas como isto é sossegado. Uma grande praia, larga, branca, com um mar que geme. De volta, pinhais, o monte de Sta. Tecla ao fundo, já Espanha, o ilhéu que de tantos em tantos anos ganha um istmo e se pode alcançar a pé enxuto. Há lá água potável, dizem. Lembro-me agora de dantes, quando vinha com o meu tio. A pensão muito asseada, muito calma. Este sossego todo. (...) Vim num comboio apinhado. Gente rude – 2ª classe – e sociável. (...) Aportar a Moledo, pacato e limpo, foi como aportar ao paraíso. Tenho um bom quarto, com banho, um quarto grande onde passeio imenso para ir do gavetão da roupa ao toucador.

O tempo, entretanto, quente. E, Braga parecia Agosto. Aqui está mais fresco por causa da aragem do mar, mas muito bonito. Vou ver o pôr do sol no mar. Afinal estou bem contente por ter vindo em Outubro. Noutro mês, de Verão, embora Moledo seja, fidalgo, selecto, havia de estar bastante gente e havia de encontrar gente conhecida, ter de cumprimentar todos os dias.

Conversar com eles, sem interesse. (...)

Oh, querido, como é bom não dizer nada, nem fazer nada, pensar só, passear no pinhal, ver o mar, escrever. E como é bom pensar que tu és.

Beijos, Maria Ondina

(Carta inédita)

Sobretudo, diante da pacatez de Moledo, Ondina Braga confessa a sua enorme atração por este lugar, tão congenial ao seu desejo de isolamento, de leitura e de quietude, estados propícios ao descanso e à meditação criadora. Na continuação da citada carta ao mesmo destinatário, reitera-se a atração pela praia de Moledo e por tudo o que a envolve:

Mas estou a ficar enfeitiçada por este sossego, os caminhos de pedras brancas com pântanos, trepadeiras de folhas verdes e vermelhas, o pinhal do Camarido, as casas fechadas, compostas, em frente ao mar, o sol e a sua estrada de luz e de sono nas águas quase paradas.

*Penso que hei-de acabar a vida numa cabana ao pé do mar. E sempre a praia me pareceu melhor no Outono. **(Carta inédita)***

A partir de Moledo, afastando-nos do litoral, continuamos o percurso em pleno Alto Minho. Na escrita de Ondina Braga, não falta uma menção breve a uma outra paisagem alto minhota, nomeadamente quando nos dá conta da sua primeira visita a **Melgaço**. Mais concretamente, a escritora escreve ter ido “numa excursão do liceu, pelos meus [...] (parênteses nossos), e pouco mais me lembro do que ter bebido da fonte medicinal, até porque estava doente de enjoo da camioneta. Uma oportunidade, pois, de ver Melgaço com olhos de mulher e de escritora...” (“Testemunho de uma mulher que escreve em Portugal”, discurso proferido na Universidade de Colónia, in *Biografias no Feminino*, vol. 2 das Obras Completas de Maria Ondina Braga, Lisboa, IN-CM, 2023). Muito expressiva esta derradeira visão sobre si própria – Ondina assume claramente que viaja “com olhos de mulher e de escritora...”.

Continuando agora em direção a sul, o destino é a paragem obrigatória em **Ponte de Lima**, antiquíssima vila medieval (com foral de D. Teresa, em 1125), integrada no caminho de Santiago de Compostela, cujo mágico sortilégio e beleza senhorial encantam a escritora. Trata-se de um lugar de memória para Ondina Braga, do qual deixa um relato emotivo numa carta de Barcelos, datada de 1975. Aí destaca a Avenida dos Plátanos (Avenida 5 de Outubro) e a Torre da Cadeia Velha, transformada em biblioteca municipal:



Avenida dos Plátanos (Avenida 5 de Outubro).



Torre da Cadeia Velha, Ponte de Lima.

*Ontem fui a Ponte de Lima com a minha irmã. Uma tarde chuvosa na vilazinha de pedra e rio; a avenida das faias; velhas casas senhoriais solenes e sóbrias – que lindo é Ponte de Lima! Conhece? Acho que tinha lá ido na excursão do primeiro ano do liceu. Então os presos deitavam um cestinho pelas grades da sinistra torre musgosa para os passantes porem lá uns tostões. Agora essa torre é a biblioteca da vila. Fomos na camioneta de carreira, atravessando serras e vales cultivados, na paisagem toda verde de matos e prados e vermelha de vides de enforcado. Em alguns sítios fazia-se ainda a vindima. O sol brilhava de repente na verdura molhada. Um bonito passeio. **(Carta inédita, a Jacinto Prado Coelho, Barcelos, 14 a 16 de outubro de 1975)***



Saindo da vila de Ponte de Lima, podemos seguir para **Vieira do Minho** (a que se refere um conto de *A Filha do Juramento*); e sobretudo para **Terras de Bouro**, já em pleno Parque Natural da Peneda – Gerês. Aí sobressaem o miradouro da Pedra-Bela e a soberba vista sobre as montanhas. Já sobre a confluência dos rios Caldo e Cávado, paisagem por demais inspiradora, destacam-se a **Serra Amarela**, bem como o **Santuário de São Bento da Porta Aberta**, constituindo referência ou cenário em vários momentos da escrita de Ondina. A natureza agreste surge aqui de mãos dadas com um tempo primitivo, feito de antigos trilhos de pastores, mas também da crença e da superstição das histórias da tia Glória, tão recorrentes nas memórias autoficcionais de Ondina Braga.

Prosseguindo viagem, de **Terras de Bouro** seguimos para a estância termal de **Caldelas**, visitando o Hotel da Bela Vista. Este espaço de repouso termal era muito procurado pela burguesia do Norte, onde trabalhava a tia Glória como governanta no verão. Merecem ainda referência o sumptuoso Grande Hotel do Parque, da **vila do Gerês**, hoje em ruínas, bem como as **Termas do Gerês**, vindas dos tempos dos romanos.



Termas de Caldelas



Hotel da Bela Vista.

Alguns traços do lugar estão presentes no conto “Pássaro Mudo” de *Estação Morta*, protagonizado por uma jovem (Carolina), nascida no Brasil, excêntrica, muito conversadora e criativa. Estudava e vivia em Braga, mas a mãe “vivia numa quinta, lá para Terras de Bouro, e quem tomava conta das crianças eram as criadas”. Mais tarde, quando o namorado casa com uma prima, a narrador interroga-se sobre o desconhecido rumo de Carolina:

“Por Terras de Bouro? Impossível concebê-la esquecida lá nas serras, a atizar o lume da lareira, a atravessar os campos encharcados, de tamancos e casaco de peles. A moderna e mundana Carolina que se penteava no cabeleireiro e lia revistas de Paris!” (**Estação Morta**)

Rumo ao sul, em direção a **Braga**, paragem obrigatória nos **Mosteiros de Santo André de Rendufe e São Martinho de Tibães**, ambos datados do século XI. O primeiro é uma das principais casas beneditinas dos séculos XII a XIV, ampliada no século XVIII, cuja igreja barroca se destaca pela imponente talha dourada.

O segundo (**São Martinho de Tibães**) viria a sofrer importantes acrescentos ao longo dos séculos, tornando-se no século XVI casa-mãe da Congregação de São Bento de Núrsia em Portugal e no Brasil. É constituído pela atual igreja, erigida entre 1628-1661, pelas alas conventuais e por um extenso espaço exterior, a Cerca (com destaque para o escadório, a mata e o lago-espelho de água). O Mosteiro de Tibães justifica uma visita demorada, sendo como é, um lugar simbólico do pensamento e da arte portuguesa, além de um espaço de rara beleza nos arredores de Braga.

A famosa biblioteca de Tibães é referida por Camilo; e Alexandre Herculano, em plenas lutas liberais, recolheu e levou para o Porto alguns dos livros mais valiosos, a fim de evitar a sua perda. Os restantes livros de Tibães estão hoje na Biblioteca Pública de Braga.



Em 1834, com a extinção das ordens religiosas, o mosteiro de Tibães foi vendido em hasta pública. É esse momento de exílio forçado e de abandono que Ondina retém como imagem, através dos relatos da mãe. O seu olhar entenece-se perante as figuras proscritas, reduzidas à sua humana condição, à errância como destino:

Frades e freiras, manhã cedo, rumo à estação do caminho de ferro, trouxa debaixo do braço, olhos no chão. (...) Emocionada, ela, ao vê-los caminhar desajeitados nas roupas à paisana, tão desconsiderados os ministros do Senhor!

Sendo atualmente visitável e com uma dinâmica cultural própria, o mosteiro de Tibães tem vindo a ser recuperado pelo Estado, mantendo hoje uma hospedaria e restaurante abertos ao público.

Passando ao lado de Braga, seguimos em direção a **Guimarães**. Cidade atraente com o seu Castelo dos tempos da fundação do Reino, o imponente Palácio dos Duques, o charme medieval do Largo da Oliveira e das ruas estreitas do centro histórico. Aliás, a escritora correspondeu-se com figuras da cultura vimaranese, como o já referido Dr. Santos Simões, já na década de 1970, a quem chega a convidar afetosamente para um almoço.



Mosteiro de Tibães.



Guimarães, Largo João Franco.

A cidade de **Guimarães** é evocada por Ondina como urbe fidalga e ciosa dos seus pergaminhos, nomeadamente em *Lua de Sangue*. A partir do ponto de vista de uma criada de servir (Maria), recriam-se outros tempos e outros comportamentos, outras relações sociais, a evocar entretuchos quase camilianos:

O Abílio era o chauffeur dos fidalgos de Guimarães onde a Maria estava a servir, e namoriscava-a. Uma maneira de dizer, namoro, porque nunca sequer lhe roubara um beijo, e quantas ocasiões os dois a sós no carro para a quinta, ela com um menino adormecido ao colo. (...)

Criada de quarto da fidalga de Guimarães, caprichava no serviço, a ponto de a ama a gabar diante das visitas, o que lhe acarretava a inveja das colegas. E inveja é pior do que feitiçaria. Bom, sempre, num caqueiro, um pezinho de erva-da-inveja. Sem se esquecer de coisa nenhuma, a Maria, o banho na têmpera, sais de violeta, hoje, amanhã, de jasmim, as roupas escovadas, brunidas, perfumadas, arrumadas no guarda-vestidos. Nunca um botão pendurado, nunca uma liga lassa ou apertada. E o chapéu, as luvas, os sapatos, tudo preparado e a condizer. Que a senhora dona Estefânia, não desfazendo, ali não se pousava uma mosca. As massagens depois do banho, o creme do dia, o creme da noite. Realmente... Eu nem sei como conseguia. E o chá do despertar, e o chá da tarde, e os comprimidos. (...)

*Não vá servir para parte nenhuma, Maria, deixe-se estar connosco, dá-me aqui uma ajudinha, dou-lhe cento e cinquenta escudos. De seis meses, a Inácia, mais três crianças. Que homem velho e mulher nova... A Maria a tirar-lhe das mãos o balde, a fazer as limpezas por ela. Fiquei ali, no estercor. Eu, a criada de luxo da fidalga mais fidalga de Guimarães! A esfregar tábuas podres, a acarretar lavagem para os porcos num pátio por trás do Convento de Jesus. **(Lua de Sangue)***

“Eu, a criada de luxo da fidalga mais fidalga de Guimarães!”

Guimarães, Largo do Toural.



A cidade de **Guimarães** volta a ser objeto de evocação a partir de uma personagem do conto “A Mulher que queria morrer”, de *Estação Morta*, narrativa breve de recorte camiliano. Tendo como protagonista uma cansada mulher idosa, regressada a Guimarães, aí se recriam determinada atmosfera da cidade em tempos recuados, certos pormenores da sua geografia urbana, alguns arruamentos da urbe (como a Calçada dos Navegantes), aspetos da sociabilidade da época, maneiras antigas de falar, até a sua “pronúncia à moda de Guimarães”:

*Na casa de hóspedes, a moça com quem partilhas o quarto bebe, droga-se, assusta-te no meio da noite, aos berros, aos vômitos. E amigas, amigas não te gabas de as ter: feito teu, recolhida em ti, de pé atrás com toda a gente. Ah, as saudades dos tempos antigos, do cheiro empoeirado das lãs, das telas, das serapilheiras na oficina de tapetes nos baixos da casa. Saudades até daquele dia de rezas e prantos, e o coche fantástico, e o toc-toc dos cascos dos cavalos. Saudades de tudo de lá, salvo da madrasta que, sem ser má, meu Deus, que desagradável. (**Estação Morta**)*



Guimarães, Largo da Oliveira.



Já a cidade de **Amarante** é uma casa que a aconchega nos braços e à qual regressa para retemperar energias. Não apenas pela beleza deslumbrante da cidade à beira Tâmega e pela sua antiquíssima história de pedra, mas também pela profunda amizade que a unirá toda a vida à escritora Eulália de Macedo.

Nesta viagem, impõe-se uma paragem na cidade medieval de **Barcelos**, cuja marca identitária passa pela lenda do galo com o seu nome, verdadeiro ícone do país; e também pelos barros de que Ondina tanto gostava (em particular, os de Rosa Ramalho), atrativo principal em dia de feira. É também a cidade evocada nas suas viagens de comboio pelo Minho:

Hoje a Micinha, o Luís e o Luisinho vieram passar o dia connosco, almoçaram aqui, fomos à feira comprar barros. Barcelos no dia de feira tem o dobro das pessoas na rua, os cafés a transbordar de fregueses, tráfego. (Carta a Jacinto Prado Coelho, Barcelos, 10-16 de outubro de 1975)



Figurado do espólio (Espaço Maria Ondina Braga). Foto de Duarte Belo.

“...os cómodos da casa, a vista das janelas,
os retratos nas paredes da sala...”

Já de regresso a Braga, fecha-se o círculo imperfeito deste roteiro da topografia literária da escritora. Nas suas obras há um lugar de relevo para a memória de Camilo Castelo Branco e das suas obras, cuja leitura que preencheu muitos dos seus dias desde a adolescência. O mesmo é dizer que aqui não poderia faltar a obrigatória paragem em **São Miguel de Seide** e uma visita à Casa Amarela. Esse é espaço bem familiar para Ondina, com o qual exprime uma misteriosa associação e identidade, sendo a impressiva visita evocada deste modo:

A minha visita à casa-museu do escritor ocorreria muito mais tarde, na companhia de uns estrangeiros, e por sinal de forma bem estranha. Com efeito, a primeira vez que punha aí os pés, e nada que não fosse já do meu conhecimento. A Casa Amarela, os cómodos da casa, a vista das janelas, os retratos nas paredes da sala, a reverdecida acácia do Jorge, tudo, nessa hora, como se eu não só tivesse por lá transitado mas tivesse mesmo aí vivido. Não sei explicar. Sei é que avancei pela casa dentro, com os ingleses, sem a menor surpresa, e, coisa esquisita, direita a cada aposento, ciente – abrenúncio! – ciente de quem ali estivera e de quanto aí acontecera. (...) E tudo a meio de um sério, assombrado silêncio: as faces, os factos, as fantasias e os sofrimentos e infortúnios. Todas as forças, enfim, para não dizer violências da fatalidade. Algo que, no entanto, jamais me havia sucedido e que ainda hoje me espanto. Mistérios de alguma primitiva vivência, alguma anterior encarnação, quem sabe? Ou nada mais nada menos que a minha instintiva e íntima associação às sombras da Casa Amarela?. (A Filha do Juramento)

“É então que Camilo, que pára muito em Famalicão, começa a escrever-lhe cartas.”

Maria Ondina Braga não deixa de evocar os conturbados amores de Camilo e a jovem Ana Plácido, a começar na fuga de ambos, sobretudo de Camilo, escondido em casa de amigos pelo Minho (Fafe, Caldas das Taipas, Braga, etc.). O enredo é bem digno de uma trama de romance, que atrai Ondina, leitora voraz da obra camiliana, construindo a sua visão desses lances dramático-passionais:

É então que Camilo, que pára muito em Famalicão, começa a escrever-lhe cartas. Ana responde-lhe. Porque não há de responder-lhe? Um passatempo, pelo menos. Pouco a pouco, todavia, essa proibida correspondência vai-se transformando, não apenas numa troca de ideias, mas de juras de amor. Amam-se. Já não podem passar sem os furtivos bilhetinhos, sem os versos que dedicam um ao outro. Ressuscita aquela noite de Carnaval... O feitiço dessa noite. Já não podem passar sem os furtivos bilhetinhos, sem os versos que dedicam um ao outro. Ressuscita aquela noite de Carnaval... O feitiço dessa noite. E todos os dias, em Vila Nova de Famalicão, ele sentado à mesa do café, nervoso, os olhos postos na porta, o coração a bater-lhe apressado, enquanto em Ceide, ela a procurar à socapa alguém que lhe sirva de mensageiro, uma criança, uma rapariguinha da aldeia: «Ah, não sabes quem é o senhor Camilo? Eu te digo: é o homem mais feio que lá vives, com ar de quem está à espera.” (Biografias no Feminino, vol. 2 das Obras Completas de Maria Ondina Braga, IN-CM, 2023).

A viagem diz sempre muito da pessoa que viaja, da sua personalidade e modo de ser e estar no mundo, no plano individual; mas também da cultura em geral, no plano coletivo. Como vamos vendo, com Maria Ondina Braga, viajar pela paisagem é sempre pretexto para apreciar a natureza nas suas mais diversas manifestações, desde logo; mas também para mergulhar de vários modos em outras formas do nosso património cultural, artístico e literário.

Vistos — Visas



Passaporte de Maria Ondina (Espaço Maria Ondina Braga). Foto de Duarte Belo.

- 11 -

OS — Visas



- 10 -

Concluindo

Encerramos por aqui este roteiro literário, de natureza turístico-cultural, em que nos propusemos viajar pelo Norte de Portugal através do olhar convidativo da escritora Maria Ondina Braga. Como referido inicialmente, esta autora singularizou-se pela confessada vocação para a viagem, em múltiplas deambulações mais ou menos livres e erráticas, quer pela paisagem portuguesa e nortenha em particular, quer por muitos outros lugares do mundo.

Como é natural, mesmo na paisagem do Norte de Portugal, há paisagens particulares que atraíram mais atenção e sensibilidade da escritora, enquanto espaços de afeto, desde a sua cidade Natal (Braga), até aos lugares em que a terra litoral se encontra com o mar, das Marinhas a Moledo, pela moldura mágica e quase mítica desses trechos da paisagem.

Em muitos destes espaços, enquanto viajante singular, a escritora busca o contacto com a natureza, na sua beleza natural ou já transformada pela mão do ser humano (património edificado). Procura igualmente a paisagem como forma de descanso e de refúgio, além de espaço de inspiração para a sua atividade de escrita.

Por outras palavras, a deambulação por estes espaços tão plurais, parte integrante de uma diversificada identidade histórico-cultural, assume igualmente um lugar preponderante na memória afetiva da escritora Maria Ondina Braga. Como sugerido, a faculdade da memória mostra-se essencial na escrita desta autora.

Relacionar Literatura e paisagem proporciona fecundos e sedutores roteiros e viagens. Face ao afirmado, a referida deambulação constante de Ondina Braga – rememorada depois em breves descrições, anotações e referências à paisagem do Norte –, constitui ainda hoje um sugestivo apelo para o viajante ou turista contemporâneo. Viajar com Maria Ondina Braga desta forma, profundamente empática, é um modo culturalmente enriquecedor de conhecermos diversas dimensões do nosso património e identidade. Definitivamente, o olhar de um escritor modifica o nosso modo de olhar os lugares e a paisagem. Assim acontece, depois de viajar pelos caminhos do norte, com Maria Ondina Braga.

Agradecimentos

Manifestamos a nossa gratidão a alguns fotógrafos, autores de fotos gentilmente cedidas, enriquecedoras deste roteiro:

Amândio de Sousa Vieira

Duarte Belo

Hugo Delgado

João Artur Pinto

José Rocha

Olívia Marques

Agradecemos ao **Espaço Maria Ondina Braga** (Museu Nogueira da Silva, Braga) o apoio e o acesso ao Espólio da escritora.

E ainda estamos gratos à artista **Patrícia Ferreira** pela cedência de um desenho sobre a escritora.

Entidade Promotora_

Consórcio Minho Inovação

Comunidade Intermunicipal do Ave

Comunidade Intermunicipal do Alto Minho

Comunidade Intermunicipal do Cávado

Autores/Coordenação Editorial_

Isabel Cristina Brito Pinto Mateus

(CEHUM – UM)

José Cândido de Oliveira Martins

(CEFH – UCP)

Design Editorial_

Valdemar Porto

Fotografia_

Patrick Esteves

Tiragem_

500 Exemplares

Depósito Legal_

522161/23

ISBN_

978-989-33-5235-9



